



UC/FPCE_2014

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Estudo da relação entre desenvolvimento grupal e emoções em grupos/equipas desportivas

Laura Matos Marques (e-mail: lauraa_marques@sapo.pt)

Dissertação de Mestrado em Psicologia das Organizações e do Trabalho sob a orientação de Professor Doutor Paulo Renato Lourenço

A presente dissertação não se encontra redigida nos termos do novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Estudo da relação entre desenvolvimento grupal e emoções em grupos/equipas desportivas

Tendo por base o Modelo Integrado de Desenvolvimento Grupal (Lourenço & Miguez, 2001) e o Modelo Circumplexo das Emoções (Russell, 1980), o objectivo central do presente trabalho consistiu em analisar a relação existente entre as fases de desenvolvimento grupal e a expressão de emoções em termos da sua valência (i.e., emoções positivas e negativas) nas equipas desportivas. O presente trabalho visa, assim, estender ao domínio desportivo os estudos já realizados nesta linha de investigação (e.g., Monteiro, 2007; E. Pinto, 2009; Pinto, Lourenço, & Dimas, 2010; Ramalho, 2008; Ramalho, Pinto, & Lourenço, 2012).

Na prossecução deste objectivo, foi realizado um estudo empírico, de natureza não experimental e centrado no nível de análise grupal, no qual foram analisadas 46 equipas desportivas com recurso à Escala de Desenvolvimento Grupal no Desporto (N. Pinto, 2011) e à *Portuguese Job Related Affective Well-Being Scale* (Ramalho, Monteiro, Lourenço, & Figueiredo, 2008).

Os resultados obtidos através da análise de regressão linear múltipla mostraram que a segunda fase de desenvolvimento grupal prediz positivamente as emoções negativas e negativamente as emoções positivas. Por outro lado, a primeira fase e as fases de maior maturidade grupal revelaram ser predictoras (positivas) das emoções positivas.

Palavras-chave: Grupos/equipas desportivas, desenvolvimento grupal, emoções.

Study of relationship between group development and emotions in sport teams

Using the Integrated Model of Group Development (Lourenço & Miguez, 2001) and the Circumplex Model of Affect (Russell, 1980) as framework, the main aim of this research was to analyze the relationship between group development phases and expression of emotions in terms of valence (i.e., positive and negative emotions) in sport teams. Thus, this research is an attempt to extend to sport the studies already did in this research line (e.g., Monteiro, 2007; E. Pinto, 2009; Pinto, Lourenço, & Dimas, 2010; Ramalho, 2008; Ramalho, Pinto, & Lourenço, 2012).

An empirical study with a non-experimental design and at team level was developed. Forty-six sport teams were analyzed using the Scale of Group Development in Sport (N. Pinto, 2011) and the Portuguese Job Related Affective Well-Being Scale (Ramalho, Monteiro, Lourenço, & Figueiredo, 2008).

The results based on multiple linear regression analysis showed that the second stage of group development positively predicts negative emotions and negatively positive emotions. On the other hand, the first stage and the more mature stages reveal that they are (positive) predictors of positive emotions.

Keywords: Sport groups/teams, group development, emotions.

O meu muito obrigado...

Ao Professor Paulo Renato, o meu orientador. Pela disponibilidade constante e pelos “está quase” que tanto me incentivaram nos momentos mais angustiantes!

À Professora Isabel Dimas que acompanhou de perto este trabalho.

Às equipas que participaram no estudo, sem as quais este trabalho não seria possível.

Aos que ajudaram na recolha de dados. Em especial ao Chico, ao Anastácio, ao Luís Pedro, à Tânia e ao Miguel.

Aos meus amigos de perto e de longe. Em especial aos que marcaram a minha “viagem” por Coimbra (vocês sabem quem são).

À minha família, da qual tenho imenso orgulho. Aos meus pais, em particular, por todo o sacrifício, esforço, compreensão, preocupação, carinho e apoio aos longos destes anos. À Maya, pela companhia nas horas de trabalho.

Ao David. Por TUDO o que és para mim!

Por último, à Joana. Pela forma como marcastes a minha vida...

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento Conceptual	3
1. Grupos/Equipas Desportivas	3
2. Desenvolvimento Grupal	4
2.1. Desenvolvimento Grupal e Equipas Desportivas	5
2.2. Modelo Integrado de Desenvolvimento Grupal de Miguez e Lourenço (2001)	6
3. Emoções	10
3.1. Emoções: Categorias Discretas ou Pontos Dispostos em torno de Diferentes Dimensões?	11
3.2. Modelo Circumplexo das Emoções de Russell (1980)	12
3.3. Emoções no Contexto Desportivo e no Domínio dos Grupos	14
4. Desenvolvimento Grupal e Emoções	17
II – Objectivos	20
III – Metodologia	22
1. Caracterização da Amostra	22
2. Instrumentos de Medida	25
2.1. Escala de Desenvolvimento Grupal no Desporto (EDG_D)	25
2.2. <i>Portuguese Job Related Affective Well-Being Scale</i> (PJAWSN)	29
3. Procedimentos de Recolha de Dados	32
4. Procedimentos Estatísticos	34
IV – Resultados	39
V – Discussão	41
VI – Conclusões	45
Bibliografia	50
Anexos	60
Anexo A – Escala de Desenvolvimento Grupal no Desporto	60
Anexo B – <i>Portuguese Job Related Affective Well-Being Scale</i> ...	62
Anexo C – Carta de apresentação às equipas	64
Anexo D – Projecto de investigação destinado às equipas	66

Introdução

A pertença a grupos é, sem dúvida, uma característica que marca profundamente a nossa sociedade (Eys, Burke, Carron, & Dennis, 2006). Com efeito, interagimos com outros num elevado número e variedade de grupos.

No presente trabalho vamos debruçar-nos sobre um tipo específico de grupo – a equipa desportiva. O objectivo central do presente trabalho prende-se com a análise da relação existente entre as fases de desenvolvimento grupal propostas pelo Modelo Integrado de Desenvolvimento Grupal de Miguez e Lourenço (2001) [MIDG] e a expressão de emoções (em termos da sua valência, isto é, emoções positivas e negativas) neste tipo de grupo. Dito de outra forma, procuramos analisar em que medida as diferentes fases de desenvolvimento grupal se revelam predictoras da expressão de emoções no que diz respeito à sua carga positiva ou negativa. Assim, o presente trabalho visa dar continuidade e estender ao domínio desportivo os estudos já realizados nesta linha de investigação acerca das emoções nos grupos (e.g., Monteiro, 2007; E. Pinto, 2009; Pinto et al., 2010; Ramalho, 2008; Ramalho et al., 2012).

Estudar a relação existente entre as fases de desenvolvimento de uma equipa desportiva e as emoções constitui, em nossa opinião, um contributo relevante. Com efeito, se as emoções constituem uma realidade presente nas actividades desportivas e a importância do seu estudo tem vindo a ser reconhecido (Cotterill, 2013; Jones, 2003; Karageorghis & Terry, 2011), ele tem sido predominantemente orientado para um nível de análise individual, focando-se sobretudo na relação existente entre as emoções e o desempenho desportivo (Botterill & Patrick, 2003; Eys & Beauchamp, 2007). As emoções colectivas e a sua relação com o percurso histórico-desenvolvimental das equipas, embora permanecendo pouco estudadas, podem, contudo, oferecer múltiplos benefícios, nomeadamente contribuir para uma

maior compreensão do funcionamento e da dinâmica das equipas desportivas e possibilitar uma melhor gestão das mesmas, potenciando o seu sucesso.

No presente trabalho, começamos por uma abordagem conceptual às equipas desportivas. Em seguida, abordamos a temática do desenvolvimento grupal, contextualizada ao domínio do desporto. Focamos, ainda, a nossa atenção no MIDG de Miguez e Lourenço (2001), uma vez tratar-se do modelo de desenvolvimento grupal em que ancoramos a nossa investigação. Tendo como pano de fundo o desporto, centramo-nos, seguidamente, na temática das emoções. Ainda neste ponto, abordamos o Modelo Circumplexo das Emoções de Russell (1980), o qual, no que respeita às emoções, serve de *framework* para o presente trabalho. Procuramos, ainda, explicitar a importância das emoções colectivas. Por último, no que respeita à parte conceptual deste trabalho, procuramos articular os seus dois elementos centrais, isto é, o desenvolvimento grupal e as emoções.

Na parte empírica, após clarificarmos os objectivos da investigação realizada, explicitamos a metodologia no que respeita à constituição da amostra, instrumentos de medida, procedimentos de recolha de dados e procedimentos estatísticos. Em seguida, são apresentados os resultados, os quais são analisados e discutidos no ponto seguinte. Terminamos a presente dissertação sintetizando as mais relevantes conclusões da investigação que realizámos, explicitando algumas das principais implicações teóricas e práticas, bem como limitações e pistas de investigação futura.

I – Enquadramento Conceptual

1. Grupos/Equipas Desportivas¹

Os grupos/equipas de trabalho são, hoje, um dos sistemas de estruturação do trabalho mais frequente nas organizações (Barsade, 2002; Dimas, 2007), podendo assumir uma variedade de formas e de contornos (Lourenço & Dimas, 2011). O foco de atenção do presente trabalho direcciona-se para as equipas desportivas.

Ainda que as equipas desportivas comportem as suas particularidades, estas, à semelhança de outros tipos de grupo de trabalho, representam um conjunto de indivíduos que são interdependentes e interagem entre si para atingir (pelo menos) um alvo comum, o qual é reconhecido, aceite e partilhado por todos. Adicionalmente, as equipas desportivas representam sistemas, compostos por dois subsistemas: o subsistema tarefa, referente ao conjunto de indivíduos que trabalha e se articula para a execução de uma tarefa e o subsistema socio-afectivo, relativo a esse mesmo conjunto de indivíduos que trabalha, procurando satisfazer as suas necessidades socio-emocionais. Estes dois subsistemas são altamente interactivos, dinâmicos e indissociáveis².

As equipas desportivas assumem, contudo, como afirmámos já, algumas particularidades. De acordo com Devine (2002)³, este tipo de grupo de trabalho executa trabalho físico (por contraste com, por exemplo, as equipas executivas que desenvolvem trabalho intelectual), sendo que a sua principal função é competir e ganhar. Segundo o

¹ Com base na literatura consultada, não temos dúvidas que o termo equipa impera no desporto. No presente trabalho, na linha de Lourenço e Dimas (2011) e também de alguns autores ligados ao domínio desportivo (e.g., Cox, 2007; Stevens, 2002), os vocábulos grupo e equipa são utilizados como sinónimos.

² Esta noção de grupo/equipa, inserida numa perspectiva sociotécnica, foi desenvolvida com base na definição de grupo proposta no modelo de desenvolvimento grupal de Miguez e Lourenço (2001) [que discutiremos mais adiante]. As noções de alvo comum, de interacção e de interdependência, tanto na dimensão instrumental, como socio-afectiva, encontram-se igualmente presentes em algumas definições de equipa desportiva existentes na literatura em Ciências do Desporto (e.g., Carron & Hausenblas, 1998).

³ Na literatura, existem diferentes esquemas de classificação (e.g., McGrath, 1984). A nossa opção recaiu na taxonomia de Devine (op. cit.) por ser suficientemente integradora e abrangente.

autor, para além da natureza do trabalho que desempenham, as equipas desportivas distinguem-se dos restantes tipos de grupo de trabalho em função de sete variáveis de contexto: 1) o ciclo mínimo de trabalho (i.e., a mais pequena unidade de desempenho que pode ser avaliada em termos de eficácia) é o jogo; 2) as exigências físicas (i.e., características humanas necessárias ao desempenho da tarefa grupal) são elevadas; 3) a duração temporal (i.e., espaço de tempo durante o qual o grupo existe) é indefinida; 4) a estruturação da tarefa (i.e., grau de definição e de clareza dos objectivos e das estratégias a implementar e grau de definição dos resultados) é elevada; 5) existe resistência activa de outro(s) (i.e., presença de oposição humana que actua directamente procurando bloquear o alcance dos objectivos da equipa); 6) a dependência de tecnologia (i.e., grau em que as actividades do grupo se encontram dependentes de recursos tecnológicos) é baixa; e 7) o risco para a saúde (i.e., probabilidade de ocorrência de danos associados a erros humanos) é moderado.

2. Desenvolvimento Grupal

Os grupos são sistemas complexos e dinâmicos e, como tal, transformam-se ao longo do tempo, adquirindo contornos diferentes no decurso da sua existência (Arrow, Poole, Henry, Wheelan, & Moreland, 2004; Chang, Duck, & Bordia, 2006; Lourenço & Dimas, 2011; Pinto et al., 2010). Compreender os múltiplos fenómenos grupais, entre eles as emoções⁴, passa, por isso, por inseri-los no momento temporal em que emergem (Dimas, 2007). Arrow et al. (2004) apontam que a inclusão da dimensão temporal dos grupos permite uma compreensão mais holística dos fenómenos grupais. É nesta linha que se insere o presente trabalho.

O desenvolvimento dos grupos, ou seja, o processo através do qual uma colecção de indivíduos com fracas ligações entre si se desenvolve até se tornar uma entidade unificada com uma identidade própria,

⁴ Embora as emoções não sejam um constructo exclusivo dos grupos, como veremos, elas são suficientemente colectivas para merecer consideração enquanto constructo de nível grupal (Kelly & Barsade, 2001).

estruturas, normas de comportamento e papéis a desempenhar pelos seus membros (Brower, 1996), pode ser conceptualizado de múltiplas formas. Tendo em conta a tipologia acerca dos modelos de desenvolvimento grupal de Bouwen e Fry (1996) e também de Wheelan e Kaeser (1997), distinguem-se quatro tipos de modelos: lineares, cíclicos, de polaridade e de equilíbrio interrompido⁵. Vejamos as principais características dos referidos modelos.

Uma sucessão ordenada de fases ou estádios consecutivos, seguindo uma sequência pré-definida em direcção à maturidade, caracteriza os modelos lineares, os mais encontrados na literatura. De acordo com os modelos cíclicos, o desenvolvimento grupal é um processo que ocorre em movimentos sob a forma de espiral, existindo a possibilidade de os diferentes estádios serem retomados ciclicamente. Os modelos polares perspectivam o desenvolvimento dos grupos como um contínuo jogo de forças que se opõem ou equilibram (e.g., dependência vs. independência; individualidade vs. grupalidade) e, por último, modelos que assumem que é a tomada de consciência do tempo passado e do tempo futuro por parte dos seus membros que faz progredir o grupo enquadrar-se na tipologia definida como de equilíbrio interrompido (Araújo, 2011; Lourenço & Dimas, 2011).

Arrow et al. (2004) e também Monteiro (2007) referem, ainda, modelos que incluem características de vários tipos e que, por isso, se podem designar por híbridos ou integradores. Como veremos na secção 2.2., o modelo de desenvolvimento grupal em que nos ancoramos constitui um exemplo de tais modelos.

2.1. Desenvolvimento Grupal e Equipas Desportivas

Partindo de uma revisão da literatura, quando se trata de explicar o desenvolvimento das equipas desportivas, verifica-se que diversos

⁵ Existem outras tipologias de modelos de desenvolvimento grupal presentes na literatura (e.g., Arrow et al., 2004). A nossa opção recaiu sobre a tipologia apresentada por Bouwen e Fry (op. cit.) e por Wheelan e Kaeser (op. cit.) por considerarmos ser suficientemente integradora.

autores (Cox, 2007; Danish, Owens, Green, & Brunelle 2007; Stevens, 2002; Weinberg & Gould, 1999) optam pelo modelo linear de Tuckman (1965). Este modelo sugere quatro estádios – o estádio *forming*, o estádio *storming*, o estádio *norming* e o estádio *performing* –, ao longo dos quais um conjunto de indivíduos se transforma numa equipa.

No estádio *forming*, os membros da equipa familiarizam-se uns com os outros, procurando determinar qual o seu papel no seio do grupo e qual o objectivo comum do grupo. O estádio *storming* é marcado pela resistência ao líder e ao controlo do grupo e também pelos conflitos interpessoais. No estádio *norming*, a hostilidade é substituída pela cooperação. A coesão grupal surge no decorrer deste estádio, o que aumenta a satisfação dos membros da equipa. Por fim, no estádio *performing*, o principal objectivo é o sucesso da equipa (Weinberg & Gould, 1999, 2007).

De acordo com Danish et al. (2007), as características do primeiro estádio estão presentes nos primeiros treinos da equipa. O segundo estádio remete para o início da época desportiva, o terceiro para os primeiros jogos da época desportiva e o último para o final da época desportiva.

2.2. Modelo Integrado de Desenvolvimento Grupal de Miguez e Lourenço (2001)

O desenvolvimento das equipas desportivas é, como já referimos, geralmente concebido segundo o modelo de Tuckman (1965). Contudo, o modelo de desenvolvimento grupal em que nos ancoramos é o Modelo Integrado de Desenvolvimento Grupal (MIDG) de Miguez e Lourenço (2001).

A nossa opção justifica-se, desde logo, pela multiplicidade de estudos empíricos (e.g., Dimas, 2007; Dimas, Lourenço, & Miguez, 2008; E. Pinto, 2009; Monteiro, 2007; N. Pinto, 2011; Pinto et al., 2010; Ramalho, 2008; Ramalho et al., 2012) que, no essencial, suportam as propostas do MIDG no que respeita às características de

cada nível de desenvolvimento grupal, conferindo-lhe a qualidade de constituir uma aproximação ao real e, assim, um boa grelha de leitura, interpretação e intervenção. Pelo contrário, o suporte empírico do modelo de Tuckman (op. cit.) é limitado (Danish et al., 2007).

O MIDG possui, igualmente, a mais-valia de comportar uma clara orientação sociotécnica. Tal é bem visível na medida em que o modelo conceptualiza o grupo enquanto realidade que opera em torno de dois subsistemas – tarefa e socio-afectivo. Além disso, no seu conjunto, as fases de desenvolvimento grupal são passíveis de descrever dois ciclos distintos que se caracterizam pela maior intensidade com que o grupo se centra ora no sistema socio-afectivo (Ciclo I, constituído pelos dois primeiros estádios), ora no sistema tarefa (Ciclo II, que engloba os terceiro e quarto estádios) (Dimas, 2007; E. Pinto, 2009; Lourenço & Dimas, 2011; N. Pinto, 2011).

Embora o MIDG não seja um modelo concebido a pensar exclusivamente no fenómeno das emoções, diversas investigações (E. Pinto, 2009; N. Pinto, 2011⁶; Pinto et al., 2010; Ramalho, 2008; Ramalho et al., 2012) têm demonstrado que o modelo possibilita o estudo deste fenómeno, enquadrando-o no contexto das suas fases.

O modelo que elegemos para estudar o desenvolvimento das equipas desportivas evidencia, ainda, um cariz integrativo, decorrente da incorporação de contribuições de outros tipos de modelos (Dimas, 2007; Lourenço & Dimas, 2011). De facto, embora inspirado nos modelos lineares, o MIDG integra aspectos presentes nos modelos cíclicos e polares, permitindo uma melhor compreensão do domínio

⁶ N. Pinto (op. cit.) focou, nos seus trabalhos, a relação existente entre desenvolvimento grupal, liderança e eficácia colectiva na díade treinador – equipa desportiva, e não entre o desenvolvimento grupal e a expressão de emoções nas equipas desportivas. Para identificar o nível de desenvolvimento grupal das equipas, o autor construiu a Escala de Desenvolvimento Grupal no Desporto. Aquando da realização do seu estudo psicométrico, nomeadamente no que respeita à validade concorrente, procedeu à aplicação da *Portuguese Job Related Affective Well-Being Scale*, que mede a ocorrência de emoções negativas e positivas. Foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre as dimensões de ambos os instrumentos, como explicitaremos no ponto 4 do enquadramento conceptual do presente trabalho.

do desenvolvimento grupal (Arrow et al., 2004).

Em conformidade com o que acabámos de enunciar, o MIDG assume contornos dos modelos lineares. À semelhança de Tuckman (1965), também Miguez e Lourenço (2001) encaram o desenvolvimento grupal como uma sucessão de quatro fases – *Estruturação, Reenquadramento, Reestruturação, Realização* –, através das quais o grupo passa da dependência para a clara interdependência, atravessando momentos de forte contradependência.

A primeira fase – *Estruturação* – é essencialmente marcada por uma elevada dependência dos membros relativamente ao líder. A situação é nova e indefinida, levando-os a procurar no líder a resposta para as suas dúvidas. Os membros procuram, com muito cuidado e de forma defensiva, a sua inclusão no grupo e desenvolvem esforços para agradar ao líder e aos outros membros. O conflito é evitado a todo o custo por ser sentido como uma ameaça, resultando numa comunicação pautada pela cordialidade e superficialidade. O clima grupal é, portanto, marcado pelo desejo de pertencer ao grupo, por uma ansiedade inicial seguida de coesão fusional e pela elevada conformidade, havendo uma focalização no sistema socio-afectivo.

No segundo estágio de desenvolvimento – *Reenquadramento* –, os membros procuram afirmar a sua individualidade. Esforçam-se para encontrar o seu lugar no grupo e para se libertar da autoridade do líder, razão pela qual as diferenças entre os membros são visíveis e os níveis de coesão grupal reduzem-se acentuadamente. Podem emergir subgrupos, constituídos por membros que têm afinidades entre si, levando à ocorrência de conflitos expressos. As relações tempestuosas, a individualidade e a comunicação pouco profunda e marcada por mal-entendidos caracterizam o clima grupal deste estágio.

A fase seguinte – *Reestruturação* – distingue-se das anteriores pelo desenvolvimento da confiança, envolvimento em relação ao grupo e incremento do desejo de cooperar nas actividades a realizar. Os

membros do grupo centram-se sobretudo no sistema tarefa, até aqui secundarizado, sendo frequentes as conversas sobre os objectivos e sobre a melhor forma de os alcançar cooperativamente. Os papéis e as normas de funcionamento tendem a ser (re)ajustados e os subgrupos, mais tolerados – (e mesmo estimulados se funcionais) do que no estágio anterior –, podem emergir a partir de afinidades entre os membros, mas também com base em necessidades da tarefa. Existe uma crescente percepção de interdependência e um esforço para aceitar e integrar as diferenças, sendo adoptadas estratégias mais maduras de negociação

Finalmente, no quarto estágio de desenvolvimento – Realização –, vive-se um clima de elevada confiança, envolvimento e cooperação, sendo que a maior parte da energia do grupo é canalizada para a realização das tarefas e para a prossecução dos objectivos partilhados. Sem deixar de prestar atenção às relações interpessoais, todos participam activamente, trocam informações, partilham ideias e expressam a forma como vêem o desempenho de cada um e do grupo. A valorização e clara percepção de interdependência, o reforço da coesão, a adequada realização do trabalho e a melhor capacidade de lidar com a diferença são os aspectos que mais caracterizam este estágio. O grupo é, por isso, mais grupo, agora, mais do que o foi em qualquer outro momento da sua história e, simultaneamente, o indivíduo é, nesta etapa, também mais indivíduo (Dimas et al., 2008; E. Pinto, 2009; Lourenço & Dimas, 2011; Ramalho, 2008).

Por conceptualizar o desenvolvimento grupal como uma sucessão de etapas que marcam a evolução do grupo de uma fase de dependência até à verdadeira interdependência, o modelo em que nos ancoramos assemelha-se, como afirmámos já, ao modelo linear de Tuckman (1965).

No entanto, como, igualmente, referimos a montante, o MIDG possui a capacidade de reunir, para além das características dos modelos lineares, características dos modelos cíclicos, já que

considera que o grupo, ao longo do seu desenvolvimento, se encontra sujeito a avanços e recuos, podendo permanecer numa determinada fase, regredir para fases anteriores ou não conseguir alcançar a maturidade (Dimas, 2007; Lourenço & Dimas, 2011; N. Pinto, 2011).

É neste sentido que as afirmações de Danish et al. (2007) a propósito da relação entre os estádios propostos pelo modelo de Tuckman (1965) e os momentos distintos da época desportiva remetem, na nossa perspectiva, para uma visão algo redutora do desenvolvimento grupal. Com efeito, ao assumir a linearidade, os autores sustentam, pelo menos de forma implícita, a invariância e a impossibilidade de existirem equipas que não fazem esse percurso ao longo de uma época desportiva ou que não o fazem de forma linear.

Para além das características dos modelos cíclicos, o MIDG assume, igualmente, características dos modelos polares, uma vez que o primeiro ciclo do desenvolvimento grupal é marcado pela tensão entre forças contrárias, como a dependência e a independência ou a individualidade e a grupalidade, de cuja oposição resulta a energia necessária à evolução do grupo para o segundo ciclo, marcado pela verdadeira interdependência e pela integração entre indivíduo e grupo (Dimas, 2007; Lourenço & Dimas, 2011; N. Pinto, 2011).

3. Emoções

Actualmente, não existe uma definição consensual do conceito de emoções (Jones, 2003; Vallerand & Blanchard, 2000). Por um lado, a grande ambiguidade quanto ao significado de termos como afecto, estado de humor ou emoção não tem facilitado a eleição de uma definição geral de emoções, ainda que para a maioria dos autores (e.g., Cotterill, 2013; Cox, 2007; Vallerand & Blanchard, 2000), as emoções sejam consideradas mais efémeras e menos difusas do que os estados de humor e o afecto seja visto como englobando emoções e estados de humor.

Por outro lado, a existência de diferentes perspectivas ou abordagens de emoções também tem contribuído para dificultar a

adopção de uma definição consensual de emoções. Estas podem, de facto, ser perspectivadas em termos de categorias discretas, básicas e universais ou como pontos dispostos em torno de diferentes dimensões (Cotterill, 2013, Hanin, 2007).

No presente trabalho, assumimos uma concepção holística de emoções. Tendo por base as contribuições de Russell (1980) e de Vallerand e Blanchard (2000), integrando adicionalmente as de De Dreu, West, Fisher e MacCurtain (2001) e também de Hanin (2007), as emoções são entendidas como processos complexos (e não como reacções) que envolvem não só sistemas fisiológicos, cognitivos, motivacionais e comportamentais, mas também socio-culturais. Com efeito, as emoções medeiam e são mediadas pelo contexto social onde ocorrem (De Dreu et al., 2001), sugerindo, como veremos mais adiante, que as emoções têm existência e repercussões ao nível grupal. Adicionalmente, as mesmas são constituídas por diferentes tipos de valência (podem ser positivas ou negativas) e intensidade (podem ter baixa ou elevada activação) e consideradas em termos razoavelmente amplos para incluir afecto e estados de humor.

3.1. Emoções: Categorias Discretas ou Pontos Dispostos em torno de Diferentes Dimensões?

Como referimos anteriormente, as emoções podem ser perspectivadas em termos de categorias discretas, básicas e universais ou, por outro lado, como pontos dispostos em torno de diferentes dimensões (Cotterill, 2013; Hanin, 2007).

Uma parte das teorias baseia-se na ideia de que há um pequeno número de emoções fundamentais e independentes entre si (Berger, Pargman, & Weinberg, 2007; Russell, 1980). No âmbito desta abordagem, enquadra-se, entre outros autores, Lazarus (2000), que considera a existência de 15 emoções, reduzindo o número para oito quando se refere às emoções presentes no contexto desportivo. Todavia, não existe consenso relativamente ao número de emoções (Berger et al., 2007) e o suporte empírico desta perspectiva é

insuficiente (Ortony & Turner, 1990).

As emoções podem, no entanto, ser organizadas em torno de um pequeno número de dimensões, de cuja interacção resultam todas as emoções. No âmbito desta abordagem, a grande maioria dos modelos integra duas dimensões, sendo que estas podem ser conceptualizadas de diferentes formas (Larsen & Diener, 1992). Por exemplo, enquanto no Modelo Circumplexo das Emoções de Russell (1980), como adiante explicitaremos, as emoções são descritas em termos da sua *valência* e *activação*, no modelo de Thayer (1989), as mesmas são descritas em termos da sua *tensão* e *energia*. Actualmente, a maior parte dos investigadores parece concordar nas dimensões de valência emocional e activação (Ekkekakis & Petruzzello, 2002).

Para além da valência emocional e activação, é possível encontrar dimensões adicionais (Russell, 1980), como por exemplo, a *potência* (i.e., a emoção remete para sensações de potência ou de impotência) [Ekkekakis & Petruzzello, 2002]. Porém, apesar de existirem outras dimensões, a valência emocional e a activação, de acordo com Gauvin e Brawley (1993), explicam, no seu conjunto, quase metade da variância total.

Contrariamente à abordagem categorial, verifica-se uma tendência no sentido de aceitar que as emoções se organizam em torno de diferentes dimensões (Ramalho et al., 2008; Totterdell, 1999). Ekkekakis e Petruzzello (2004) defendem mesmo que perspectivar as emoções como pontos dispostos em torno de diferentes dimensões é o mais adequado no estudo de emoções em contexto desportivo, já que permite uma visão mais ampla acerca das mesmas, o que é particularmente relevante para compreender um fenómeno que, no desporto, está longe de ser claro.

3.2. Modelo Circumplexo das Emoções de Russell (1980)

Importa, no âmbito da perspectiva dimensional, debruçar-nos sobre o Modelo Circumplexo das Emoções de Russell (1980), uma vez que constitui o modelo em que nos ancoramos para o estudo das

emoções.

Este modelo integra, como já apontámos anteriormente, um conjunto de emoções, organizadas segundo duas dimensões bipolares: valência emocional (as emoções podem ser positivas ou negativas⁷) e activação (as emoções podem ter alta ou baixa activação). O modelo representa as emoções através de uma disposição em círculo em torno do perímetro definido por dois eixos, perpendiculares entre si, sendo que cada um deles representa uma dimensão. Cada emoção resulta de uma combinação dessas duas dimensões (Posner, Russell, & Peterson, 2005). Em contraste com a abordagem categorial, as emoções são conceptualizadas como estando relacionadas entre si, pois as que são mais semelhantes entre si encontram-se mais próximas no espaço bidimensional e as emoções antagónicas em posições opostas (Katwyk, Spector, Fox, & Kelloway, 2000; Remington, Fabrigar, & Visser, 2000).

Embora reconheçamos a importância de se considerar ambas as dimensões, o presente trabalho centra-se unicamente na dimensão valência emocional, dado que o instrumento por nós utilizado para medir a ocorrência de emoções permite somente identificar a ocorrência de emoções positivas e negativas.

No modelo, de entre as emoções cuja valência é positiva, podemos encontrar a euforia e a calma. Como emoções negativas, podemos encontrar o nervosismo e o cansaço (Barrett & Russell, 1998)⁸.

Este modelo tem recebido forte suporte empírico enquanto estrutura de representação das emoções, nomeadamente quando os estudos se centram no nível de análise grupal (e.g., Bartel & Saavedra, 2000; E. Pinto, 2009; Gamero, González-Romá, & Peiró, 2008;

⁷ No desporto, existe uma tendência para classificar as emoções como positivas ou negativas, tendo em conta o referido efeito (positivo ou negativo) no desempenho dos atletas (Dias, Corte-Real, Cruz, & Fonseca, 2013). Chamamos a atenção para o facto de, diferentemente, nos estarmos a referir à experiência de sentir de uma emoção como agradável (valência positiva) ou desagradável (valência negativa).

⁸ Importa lembrar que as emoções mencionadas apresentam diferentes níveis de activação. Por exemplo, a euforia, quando comparada com a calma, apresenta um nível de activação superior.

Ramalho, 2008; Ramalho et al., 2012), como é o nosso caso. No entanto, o modelo evidencia algumas limitações, como a dificuldade em distinguir emoções semelhantes em termos de valência e activação (Ekkekakis & Petruzzello, 2002; Remington et al., 2000) ou ainda o facto de ter sido construído somente com base em medidas de auto-resposta (Larsen & Diener, 1992).

No domínio do desporto, ainda que o modelo tenha sido ignorado durante muito tempo (Gauvin & Brawley, 1993), estudos recentes (e.g., Taylor, Katomeri, & Ussher, 2006; Welch, Hulley, Ferguson, & Beauchamp, 2007)⁹ têm demonstrado a sua relevância. Ekkekakis e Petruzzello (2002) afirmam mesmo que o modelo é o mais adequado para o estudo das emoções em contexto desportivo devido a três aspectos: 1) existência de evidências empíricas que apoiam o modelo enquanto estrutura de representação das emoções; 2) capacidade do modelo para incluir um vasto leque de emoções; e 3) o facto de o modelo considerar que as emoções são constituídas por diferentes tipos de valência e activação, o que, no desporto, é relevante, já que o exercício físico produz mudanças significativas ao nível da activação das emoções e essas mesmas mudanças podem ser sentidas como positivas ou negativas.

3.3. Emoções no Contexto Desportivo e no Domínio dos Grupos

O desporto é considerado um contexto único na geração de emoções (Cotterill, 2013; Jones, 2003; Karageorghis & Terry, 2011).

De acordo com Dias et al. (2013), é evidente o crescente interesse dos investigadores por esta temática no domínio desportivo. Com efeito, a partir dos finais dos anos 70 do século passado (Karageorghis & Terry, 2011) e, desde então, têm surgido cada vez mais investigações que procuram analisar a relação entre as emoções e o desempenho desportivo (Botterill & Patrick, 2003). Esta tendência também se tem vindo a reflectir, embora com menor intensidade, nos

⁹ Verificámos que a maioria dos estudos se centra, porém, no nível de análise individual.

estudos sobre a gestão de emoções nos atletas (e.g., Pensgaard & Duda, 2003) e sobre os efeitos da prática desportiva ao nível das emoções (e.g., Ekkekakis, Hall, VanLanduyt, & Petruzzello, 2000).

Embora nos últimos anos tenhamos assistido a um incremento no interesse do estudo das emoções associadas ao domínio desportivo, [como noutros domínios, nomeadamente o organizacional (De Dreu et al., 2001)], esse enfoque tem sido particularmente dado à experiência individual, em detrimento dos processos emocionais grupais (Botterill & Patrick, 2003; Eys & Beauchamp, 2007). Ora, as emoções também existem e têm impacto nos grupos (Barsade, 2002; De Dreu et al., 2001; Pinto et al., 2010). Como já referimos, é precisamente neste nível de análise que se enquadra o presente trabalho, uma vez que pretende estudar as emoções, tendo como unidade de análise as equipas desportivas.

Analisar as emoções a nível grupal justifica-se desde logo porque, em linha de conta com os estudos de Lewin e Festinger (s.d., cits. por De Dreu et al., 2001), e de forma convergente com a noção de grupo que adoptámos (e que também se funda na corrente Lewiniana), os grupos não só se edificam em torno de componentes de tarefa, como também socio-afectivos. Neste sentido, segundo os mesmos autores, os processos grupais não podem ser totalmente entendidos se a componente emocional for ignorada.

Esta constatação tem levado autores como Ashforth e Humprey (1995), Barsade (2002) e também Barsade e Gibson (2007) a defender que as emoções assumem um papel preponderante em múltiplos processos e resultados de grupo, como a coesão, a cooperação, os conflitos, a liderança e o desempenho. Todavia, os estudos conduzidos neste âmbito ainda são escassos (Barsade & Gibson, 2007; Kelly & Barsade, 2001).

Adicionalmente, como já referimos, as emoções envolvem sistemas socio-culturais e, como tal, medeiam e são mediadas pelo contexto social onde ocorrem, como, por exemplo, os grupos (De

Dreu et al., 2001). A este propósito, Hatfield, Cacioppo e Rapson (1994) sugerem que os grupos podem ser afectados pelas emoções dos seus membros, uma vez que estes últimos, de uma forma automática, tendem a imitar e sincronizar expressões faciais, vocalizações, posturas e movimentos com os dos outros membros, o que pode conduzir à convergência emocional no grupo. As emoções podem, por outro lado, evoluir ao longo do tempo e ser transformadas, inibidas, ou reforçadas em função do grupo onde ocorrem (De Dreu et al., 2001).

Finalmente, a análise das emoções a nível grupal é, ainda, justificável, de acordo com Durkheim (1915/1964; cit. por Keltner & Haidt, 1999) e De Dreu et al. (2001), porque as emoções assumem funções sociais, como por exemplo, ajudar o grupo a definir as suas fronteiras, distinguindo-o de outros.

Em suma, embora as emoções não sejam um constructo exclusivo dos grupos, elas são suficientemente colectivas para merecer consideração enquanto constructo de nível grupal (Kelly & Barsade, 2001).

A presença de investigação sobre as emoções a este nível de análise é, contudo, escassa (Bartel & Saavedra, 2000; De Dreu et al., 2001; Keltner & Haidt, 1999). Como referimos anteriormente, tal é particularmente verdade no contexto desportivo onde, com excepção de alguns estudos (e.g., Hassmén & Blomstrand, 1995; Lowther & Lane, 2002), o foco da investigação é predominantemente direccionado para o indivíduo e não para as equipas (Botterill & Patrick, 2003; Eys & Beauchamp, 2007).

Os estudos que procuram analisar as emoções, tendo como unidade de análise as equipas desportivas não são apenas escassos, como também apresentam problemas metodológicos. Observámos, de facto, que a maioria utiliza instrumentos que avaliam as emoções no nível individual, por oposição ao grupal. Apesar de existirem diversas formas de agregar as respostas dadas, com confiança, ao nível grupal

(Kelly & Barsade, 2001) [por exemplo, com base em índices de acordo como o *Average Deviation Index*], notámos que a maioria procura calcular as pontuações médias obtidas pelos membros da equipa nos instrumentos de medida utilizados, sem garantir que o referente para as respostas seja o grupo e, portanto o nível grupal, fazendo com que as mesmas sejam representativas das percepções individuais e não da percepção dos indivíduos relativas à realidade grupal.

4. Desenvolvimento Grupal e Emoções

Referimos anteriormente que os grupos se edificam não só em torno de componentes de tarefa, como também socio-afectivos. Os grupos são, por isso, inerentemente emocionais (E. Pinto, 2009). Vimos, ainda, que os grupos são sistemas dinâmicos e, como tal, transformam-se ao longo do tempo (Arrow et al., 2004; Lourenço & Dimas, 2011; Pinto et al., 2010). Foi, igualmente, referido que as emoções evoluem ao longo do tempo, podendo ser transformadas pelo contexto social onde ocorrem, como, por exemplo, os grupos (De Dreu et al., 2001).

Com base no que apresentámos anteriormente, faz sentido pensarmos que as diferentes fases pelas quais as equipas desportivas passam ao longo do seu desenvolvimento se relacionam com a expressão diferenciada de emoções positivas e negativas.

Ainda que fora do domínio desportivo, a posição anterior está presente na literatura. O estudo de Monteiro (2007), desenvolvido com base no MIDG, demonstrou, efectivamente, que existem diferenças significativas entre a segunda e quarta fases, no sentido de uma maior expressão de emoções negativas na segunda fase e uma maior expressão de emoções positivas na quarta fase¹⁰. Igualmente com ancoragem no MIDG, Ramalho (2008) evidenciou a existência de diferenças significativas entre o segundo estádio e todos os outros

¹⁰ As hipóteses da autora foram testadas evocando nos inquiridos situações de conflito.

estádios, no sentido de uma maior expressão de emoções negativas no segundo estádio. E. Pinto (2009) demonstrou a existência de diferenças significativas entre a segunda fase e a terceira e quarta fases preconizadas pelo MIDG, no sentido de uma maior expressão de emoções negativas na segunda fase. Segundo a autora existem, igualmente, diferenças significativas no que respeita às emoções positivas. Essas diferenças situam-se entre a segunda e a quarta fases, existindo uma menor expressão de emoções positivas na segunda fase.

No domínio do desporto, não identificámos qualquer referência explícita no âmbito da relação entre desenvolvimento grupal e emoções, se exceptuarmos o trabalho de N. Pinto (2011). Como já referimos, ainda que o principal objectivo tenha consistido na análise da relação existente entre desenvolvimento grupal, liderança e eficácia colectiva na díade treinador – equipa desportiva, o autor verificou que a expressão de emoções positivas e negativas se altera em função do estádio de desenvolvimento em que a equipa se encontra (medido pela Escala de Desenvolvimento Grupal no Desporto – EDG_D).

Foram, com efeito, encontradas uma correlação positiva (de baixa magnitude)¹¹ entre a primeira fase de desenvolvimento grupal medida pela EDG_G (que corresponde ao estádio Estruturação) e a expressão de emoções positivas e, por contraste, uma correlação negativa (também de baixa magnitude) entre essa mesma fase e a expressão de emoções negativas. Os resultados também sugerem uma correlação fortemente positiva entre a segunda fase medida pela EDG_D (que corresponde ao estádio Reenquadramento) e a expressão de emoções negativas e, pelo contrário, uma correlação fortemente negativa entre essa mesma fase e as emoções positivas. Por último, verificaram-se uma correlação positiva (de moderada magnitude) entre a terceira dimensão da EDG_D (que corresponde simultaneamente ao estádio

¹¹ Para a interpretação dos níveis de associação, o referido autor considerou a escala proposta por Cohen, Cohen, West e Aiken (2003), assumindo que valores entre .10 até .30 são referentes a um efeito pequeno, entre .30 até .50 um efeito médio e a partir de .50 a um efeito grande.

Reestruturação e Realização) e a ocorrência de emoções positivas e, por contraste, uma correlação negativa (de baixa magnitude) entre essa mesma fase e a ocorrência de emoções negativas.

Embora a análise de N. Pinto (2011) tenha incidido somente sobre as correlações existentes entre os estádios de desenvolvimento grupal e as emoções positivas e negativas, os resultados encontrados pelo referido autor apoiam os de Monteiro (2007), Ramalho (2008) e E. Pinto (2009).

Em suma, os referidos estudos reforçam a ideia de que são os grupos percebidos na segunda fase de desenvolvimento grupal aqueles que tendem a expressar mais emoções negativas e menos emoções positivas. Os resultados revelam, ainda, uma tendência para uma maior expressão das emoções positivas e uma menor expressão das emoções negativas na última fase de desenvolvimento grupal.

Em consonância com o MIDG, tal poderá dever-se ao facto de, no segundo estágio, os membros tenderem a revelar-se insatisfeitos com o papel que desempenham no grupo (ou que lhes foi atribuído) e se esforçarem para encontrar o seu lugar no grupo e para se libertar da autoridade do líder, o que facilita a emergência de conflitos e de tensões entre os membros, e entre estes e o respectivo líder. O clima é, portanto, propício a uma maior expressão de emoções negativas e a uma menor expressão de emoções positivas.

Ao transitar para as fases posteriores, os membros começam, gradualmente, a estabelecer relações de confiança e de cooperação entre si, existindo uma crescente percepção de interdependência e um esforço para aceitar e integrar as diferenças. Quando o grupo atinge a última fase de desenvolvimento grupal, vive-se um clima de elevada confiança, envolvimento e cooperação, provocando um desencadear de emoções positivas e uma redução acentuada de emoções negativas.

Ainda que os estudos¹² não tenham evidenciado diferenças

¹² Dos estudos anteriormente mencionados, somente E. Pinto (op. cit.) procurou averiguar a existência de diferenças significativas entre primeira fase e as restantes, ao nível da expressão de emoções. A hipótese formulada - “na 1ª e 4ª fases de

estatisticamente significativas entre a primeira fase e as restantes ao nível da expressão de emoções, nesta fase, à semelhança da última, poderá existir uma expressão acentuada de emoções positivas, comparativamente à segunda fase.

Como vimos anteriormente, na fase de Estruturação, o clima grupal pode, efectivamente, ser marcado pela coesão fusional e comunicação cordial. O conflito é evitado a todo o custo por ser sentido como uma ameaça, razão pela qual, existe uma regulação das emoções negativas (Aune, Aune, & Buller, 2001), podendo predominar emoções positivas, pois ajudam à aceitação e à integração dos membros no grupo (De Dreu et al., 2001). Os resultados encontrados por N. Pinto (2011) reforçam tal posição, uma vez que se verificaram uma correlação positiva, ainda que de baixa magnitude, entre a primeira fase e a expressão de emoções positivas e, por contraste, uma correlação negativa, igualmente baixa, entre essa mesma fase e a expressão de emoções negativas.

II – Objectivos

Com o presente trabalho, procuramos dar continuidade aos estudos produzidos com o intuito de analisar a relação existente entre o desenvolvimento grupal e as emoções em grupos de trabalho, estendendo-os ao domínio do desporto¹³, investigando nomeadamente em que medida cada uma das fases de desenvolvimento grupal preconizadas pelo MIDG prediz a emergência de emoções negativas e de emoções positivas.

Tendo em consideração os resultados obtidos nos estudos de Monteiro (2007), Ramalho (2008) e também E. Pinto (2009) que evidenciam que são os grupos percebidos na segunda fase de

desenvolvimento grupal espera-se uma maior frequência de emoções positivas que nas fases 2 e 3” (p. 21) - não foi, contudo, apoiada.

¹³ Importa lembrar que o estudo de N. Pinto (2011), embora no âmbito do desporto, não teve como principal objectivo a análise da relação existente entre as fases de desenvolvimento grupal e a expressão de emoções positivas e negativas.

desenvolvimento grupal aqueles que tendem a expressar mais emoções negativas e menos emoções positivas, e também as correlações encontradas por N. Pinto (2011) – uma correlação elevada e positiva entre a segunda fase de desenvolvimento grupal e a expressão de emoções negativas e, por contraste, uma correlação negativa, também elevada, entre essa mesma fase e as emoções positivas –, formulamos, a este respeito, as seguintes hipóteses de investigação:

Hipótese 1: a segunda fase de desenvolvimento grupal – Reenquadramento – é um preditor, positivo e estatisticamente significativo da frequência de emoções negativas.

Hipótese 2: a segunda fase de desenvolvimento grupal – Reenquadramento – é um preditor, negativo e estatisticamente significativo da frequência de emoções positivas.

Adicionalmente, considerando três aspectos: 1) a tendência observada nos estudos de Monteiro (op. cit.) e E. Pinto (op. cit.) para uma maior expressão das emoções positivas e uma menor expressão das emoções negativas na última fase de desenvolvimento grupal; 2) os resultados de N. Pinto (op. cit.) que revelam uma correlação positiva entre a primeira fase de desenvolvimento grupal e a expressão de emoções positivas e, por contraste, uma correlação negativa entre essa mesma fase e a expressão de emoções negativas, e também uma correlação positiva entre a fase de Reestruturação/Realização e a expressão de emoções positivas e, por contraste, uma correlação negativa entre essa mesma fase e a expressão de emoções negativas; e 3) a regulação de emoções negativas e a expressão acentuada de emoções positivas na primeira fase apontadas pela literatura, formulamos, a este respeito, as seguintes hipóteses de investigação:

Hipótese 3: a primeira fase de desenvolvimento grupal – Estruturação – é um preditor, positivo e estatisticamente significativo da frequência de emoções positivas.

Hipótese 4: a primeira fase de desenvolvimento grupal – Estruturação – é um preditor, negativo e estatisticamente significativo da frequência de emoções negativas.

Hipótese 5: a última fase de desenvolvimento grupal – Reestruturação/Realização – é um preditor, positivo e estatisticamente significativo da frequência de emoções positivas.

Hipótese 6: a última fase de desenvolvimento grupal – Reestruturação/Realização – é um preditor, negativo e estatisticamente significativo da frequência de emoções negativas.

III – Metodologia

O presente estudo é de natureza não experimental (Alferes, 1997). Procurámos, com efeito, analisar a relação existente entre as fases de desenvolvimento grupal e a expressão de emoções positivas e de emoções negativas nas equipas desportivas sem proceder à manipulação das variáveis e à distribuição aleatória dos sujeitos pelos grupos considerados.

1. Caracterização da Amostra

O presente estudo incidiu sobre uma amostra constituída por equipas desportivas nas modalidades de andebol, basquetebol, futsal, hóquei em patins, voleibol, futebol e ginástica¹⁴.

A amostra foi selecionada através do método de amostragem por conveniência ou acessibilidade, a qual assenta na utilização, por parte do investigador, de uma rede de relações interpessoais, de natureza formal ou informal, que facilitam o acesso à amostra (Hill & Hill, 2000).

A escolha de equipas de modalidades colectivas prendeu-se com o facto de se enquadrarem na concepção de grupos de trabalho que

¹⁴ Embora conscientes de que, no futebol, o número de jogadores de campo é substancialmente diferente do que nas restantes modalidades consideradas, o que pode alterar a dinâmica grupal (Stevens, 2002), decidimos incluir esta modalidade devido à dificuldade em encontrar equipas disponíveis para participar no presente estudo.

adoptámos – um sistema constituído por indivíduos que interagem regularmente, de forma interdependente, tendo em vista o alcance de, pelo menos, um alvo comum mobilizador. Nos desportos colectivos (ao invés dos individuais) existe, de facto, uma elevada interacção, coordenação e cooperação entre os elementos da equipa (Weinberg & Gould, 1999).

Para além da prática de modalidades colectivas, a inclusão das equipas na amostra a estudar, obedeceu, igualmente, aos seguintes critérios: a) serem constituídas por um mínimo de três elementos; b) situarem-se no escalão de seniores¹⁵; e c) participarem em competições internacionais e nacionais, nacionais em exclusivo, ou regionais.

O presente estudo incidiu sobre uma amostra inicial constituída por 584 sujeitos, pertencentes a 47 equipas desportivas, dos quais 11 (1.9% da totalidade da amostra) foram eliminados pelos seguintes aspectos: a) questionários com um número de itens não respondido igual ou superior a 10% em cada uma das escalas (Bryman & Cramer, 2011); b) respostas aos questionários com uma tendência central evidente; c) coincidência total de respostas entre dois membros de uma equipa; e d) idade do sujeito igual a 15 anos.

Após estes procedimentos iniciais, a amostra ficou constituída por 573 sujeitos, membros de 47 equipas desportivas. Todavia, das 47 equipas desportivas, foi necessário eliminar uma equipa, uma vez que, após os procedimentos iniciais anteriormente descritos, esta ficou

¹⁵ Algumas equipas, embora situadas no escalão de seniores, integravam elementos com 17 anos. Nesses casos, optámos por inclui-los na amostra. Contudo, verificámos que uma equipa integrava um elemento com 15 anos. Nesse caso, optámos por eliminá-lo da amostra porque, embora os limites da adolescência, para Papalia, Olds e Feldman, (2006), não estejam claramente definidos, no presente trabalho, na linha de Sampaio (1996), consideramos que o núcleo da adolescência se situa por volta dos 15 anos, sendo este período caracterizado por um conjunto de inúmeras transformações, nomeadamente ao nível socio-emocional, podendo influenciar as respostas aos dois questionários aplicados às equipas (Papalia et al., 2006).

composta por dois elementos (um dos critérios para a inclusão das equipas na amostra era serem constituídas por um mínimo de três elementos).

Desta forma, a amostra final ficou constituída por 571 sujeitos, membros de 46 equipas desportivas, cujo número de elementos varia entre um mínimo de três e um máximo de 22 ($M=12.41$; $DP=3.45$). Das 46 equipas desportivas que integram a nossa amostra, 25 praticam futsal; seis basquetebol; quatro andebol; quatro voleibol; três hóquei em patins; duas ginástica; e duas futebol.

Como podemos observar a partir da consulta da Tabela 1, a amostra é composta por elementos de ambos os sexos: 460 (80.6% da totalidade da amostra) do sexo masculino e 111 (19.4% da totalidade da amostra), do sexo feminino. O sujeito mais novo tem 17 anos e o mais velho 43 anos ($M=25.21$; $DP=4.98$), sendo que a maior parte dos respondentes tem idades compreendidas entre os 17 e os 21 anos ($N=157$; 27.5% da totalidade da amostra). No que respeita às habilitações literárias dos inquiridos, a sua maioria frequenta o ensino secundário ($N=286$; 50.1% da totalidade da amostra). A antiguidade de cada membro na equipa oscila entre uma e 24 épocas desportivas ($M=3.02$; $DP=3.12$), sendo que a maioria dos respondentes ($N=410$; 71.8% da totalidade da amostra) são membros da equipa actual entre uma e três épocas desportivas. No que concerne à modalidade desportiva praticada, a maioria ($N=311$; 54.5% da totalidade da amostra) são jogadores/as de futsal.

Tabela 1. Caracterização da amostra em função do sexo, idade, habilitações literárias, número de épocas a representar a equipa e modalidade desportiva (N=571; 100%)

Características Sócio-demográficas	N	%
Sexo		
Masculino	460	80.6
Feminino	111	19.4
Idade		
17 – 21	157	27.5
22 – 25	141	24.7
26 – 29	156	27.3
30 – 43	113	19.8
Não respondeu	4	0.7
Habilitações Literárias		
Ciclo Básico	74	13
Secundário	286	50.1
Ensino Superior	201	35.2
Não respondeu	10	1.8
Número de épocas a representar a equipa		
1 – 3	410	71.8
4 – 7	119	20.8
8 – 12	20	3.5
13 – 24	12	2.1
Não respondeu	10	1.8
Modalidade Desportiva		
Andebol	57	10
Basquetebol	68	11.9
Voleibol	50	8.8
Hóquei em Patins	37	6.5
Futsal	311	54.5
Ginástica	6	1.1
Futebol	42	7.4

2. Instrumentos de Medida

As hipóteses consideradas para o presente estudo foram testadas com recurso à utilização da Escala de Desenvolvimento Grupal no Desporto (EDG_D; N. Pinto, 2011) e da *Portuguese Job Related Affective Well-Being Scale* (PJAWSN; Ramalho et al., 2008).

2.1. Escala de Desenvolvimento Grupal no Desporto (EDG_D)

2.1.1. Estrutura e conteúdo

Para medir o nível de desenvolvimento grupal das equipas desportivas, utilizámos a EDG_D (cf. Anexo A) de N. Pinto (2011).

Esta escala apoia-se no modelo de desenvolvimento grupal em que nos ancoramos (MIDG) e mede o desenvolvimento grupal das equipas desportivas, recorrendo a uma escala de resposta do tipo *Likert* de sete pontos (1 – *não se aplica*; a 7 – *aplica-se totalmente*), através da qual os inquiridos devem indicar o grau de aplicabilidade das situações descritas na sua equipa.

A EDG_D consiste numa alternativa ao Questionário de Percepção de Desenvolvimento de Equipas (PDE) [Miguez & Lourenço, 2001]¹⁶, uma vez que mede o desenvolvimento grupal no contexto específico das equipas desportivas. Difere, ainda, do PDE, por ser um questionário cuja informação se encontra distribuída por categorias e respectivos itens e não um questionário com quatro cenários alternativos com informação condensada, o que permite uma maior riqueza de análise e reduz a possibilidade de se verificar o efeito de desejabilidade social (N. Pinto, 2011).

O processo de construção da EDG_D culminou na elaboração de uma versão com 36 itens, distribuídos por nove categorias, sendo que cada uma delas se encontra relacionada com um diferente processo de grupo: comunicação (tipo de participação); conflitos e gestão de conflitos; coesão de grupo; definição de objectivos de equipa; existência de subgrupos; gestão da diferença; normas que regulam o funcionamento da equipa; papéis desempenhados na equipa e processo de tomada de decisão. Após o estudo das suas qualidades psicométricas, por meio da análise em componentes principais (ACP)¹⁷, a versão final (que utilizámos) passou a integrar 34 itens, pois os itens 8 e 13 saturavam em mais do que um factor.

Por meio da ACP, verificou-se, ainda, que a EDG_D capta de

¹⁶ O PDE é um questionário com a descrição de cada uma das fases do MIDG (quatro cenários), devendo os respondentes escolher a descrição que consideram melhor corresponder ao que ocorre no seu grupo. Este instrumento foi utilizado por Monteiro (2007), Ramalho (2008) e E. Pinto (2009) para medir a fase de desenvolvimento em que os grupos se encontravam.

¹⁷ A ACP é um método estatístico que permite transformar um conjunto de variáveis quantitativas correlacionadas entre si noutro conjunto com um menor número de variáveis não correlacionadas, designadas por componentes principais ou factores (Pestana & Gageiro, 2000).

forma clara somente três das quatro fases de desenvolvimento grupal propostas pelo MIDG. Eram esperados quatro factores, mas os itens relativos à terceira e quarta fases agruparam-se num único factor.

Assim, a EDG_D identifica a primeira fase (Estruturação), responsável por 17.5% da variância total (nove itens), a segunda fase (Reenquadramento), responsável por 20.3% da variância total (nove itens) e uma terceira fase (Reestruturação/Realização), que agrupa o terceiro e o quarto estádios e é responsável por 27.5% da variância total (16 itens).

Estudos de consistência interna efectuados pelo autor revelaram que o instrumento apresenta excelentes níveis de consistência interna¹⁸ em todas as dimensões. Num primeiro estudo, foram observados valores de *alpha* de Cronbach de .93 e de .95, respectivamente, para a dimensão Estruturação e para as restantes dimensões (Reenquadramento e Reestruturação/Realização). Num segundo estudo, o valor de *alpha* das três dimensões variou entre .94 e .96. Marques (2010), ainda que aplicando uma versão da EDG_D em equipas de trabalho em contexto organizacional não desportivo, obteve resultados que reforçam a fiabilidade do instrumento, uma vez que também foram encontrados adequados valores de *alpha* de Cronbach.

2.1.2. Estudo das Qualidades Psicométricas

Em virtude da EDG_D já se encontrar validada por N. Pinto (2011), optámos por analisar somente a sua consistência interna, a qual foi avaliada através do cálculo do *alpha* de Cronbach e da análise das correlações entre cada um dos itens e a dimensão em que se enquadram, procedimento assumido como a melhor estimativa de fiabilidade de um teste (Nunnally, 1978).

Com base na consulta da Tabela 2, é possível verificar que as

¹⁸ Nunnally (1978) considera um valor de *alpha* de Cronbach superior a .90, excelente; entre .80 e .90, bom; entre .70 e .80, razoável; entre .60 e .70, fraco; e menor que .60, inaceitável.

dimensões Reenquadramento e Reestruturação/Realização apresentam excelentes níveis de consistência interna (os valores foram de .93 e .95 respectivamente) O valor de *alpha* para a dimensão Estruturação foi de .90, sugerindo um bom nível de consistência interna (Nunnally, 1978). Os valores expressos pelo *alpha* de Cronbach na totalidade das dimensões situam-se claramente acima do valor de referência (.70) estipulado por Nunnally (1978), corroborando os valores obtidos nos estudos anteriores a que nos referimos.

Podemos, igualmente, observar na Tabela 2 que a totalidade dos itens apresenta correlações elevadas com a dimensão em que se inserem¹⁹. Não obstante o facto de ao retirar-se o item 12 o valor do *alpha* subir, optámos por não o fazer porque o item se encontra fortemente correlacionado com a respectiva dimensão e a subida do valor de *alpha* não é muito acentuada.

¹⁹ Embora haja diferentes classificações dos valores das correlações quanto à sua magnitude (e.g., Cohen & Holliday, 1982), na linha de N. Pinto (2011), considerámos, na interpretação dos coeficientes de correlação, as orientações de Cohen et al. (2003), segundo as quais uma correlação é baixa se estiver compreendida entre .10 até .30, moderada, se situar entre .30 até .50, sendo elevada, se for superior a .50.

Tabela 2. EDG_D: Valores do *alpha* de Cronbach e correlações item/dimensão (N=571)

Dimensões		Correlação Item/Dimensão	Alpha total sem o item	Alpha
Estruturação				.90
	Itens			
	1	.56	.89	
	4	.58	.89	
	5	.65	.88	
	7	.66	.88	
	8	.67	.88	
	23	.69	.88	
	27	.75	.88	
	30	.64	.89	
	31	.71	.88	
Reenquadramento				.93
	Itens			
	6	.80	.92	
	9	.83	.92	
	10	.74	.93	
	11	.77	.93	
	12	.56	.94	
	16	.80	.92	
	20	.79	.92	
	21	.75	.93	
	25	.74	.93	
Reestruturação/Realização				.95
	Itens			
	2	.71	.95	
	3	.78	.94	
	13	.73	.95	
	14	.78	.94	
	15	.75	.95	
	17	.61	.95	
	18	.77	.94	
	19	.77	.94	
	22	.54	.95	
	24	.68	.95	
	26	.70	.95	
	28	.62	.95	
	29	.74	.95	
	32	.75	.95	
	33	.73	.95	
	34	.78	.94	

2.2. Portuguese Job Related Affective Well-Being Scale (PJAWSN)

2.2.1. Estrutura e Conteúdo

Para medir a ocorrência de emoções positivas e negativas nas equipas desportivas, recorreremos à PJAWSN (cf. Anexo B) de Ramalho et al. (2008). Esta escala, com ancoragem no Modelo Circumplexo das Emoções de Russell (1980), resulta da adaptação para a língua portuguesa e para o contexto dos grupos de trabalho da *Job Related Affective Well-Being Scale* (JAWS) de Katwyk et al. (2000)²⁰.

²⁰ A JAWS mede as emoções que o trabalho provoca nos indivíduos, considerados individualmente, registando a frequência de 30 emoções (negativas e

Possibilita a identificação da ocorrência de emoções negativas e positivas em grupos, utilizando uma escala de resposta do tipo *Likert* de cinco pontos (1 – *nunca*; a 5 – *sempre*), através da qual, os inquiridos devem indicar a frequência com que as emoções ocorrem na sua equipa. Em termos de conteúdo, a PJAWSN é constituída por 28 emoções, 15 negativas e 13 positivas.

Ramalho et al. (op. cit.) testaram a dimensionalidade da escala por meio da ACP, verificando que o factor correspondente às *emoções negativas* explica 23.8% da variância total e o factor correspondente às *emoções positivas*, 20.9%. Relativamente à fiabilidade, observaram um valor de *alpha* de Cronbach de .91 para a dimensão emoções negativas e de .87 para a dimensão emoções positivas, o que é indicativo da presença de um instrumento com uma boa consistência interna (Nunnally, 1978). Estudos posteriores (e.g., E. Pinto, 2009; Marques, 2010; N. Pinto, 2011) reforçam a fiabilidade da PJAWSN, visto que foram encontrados valores adequados de consistência interna para as emoções positivas e negativas.

A escala possui boas qualidades psicométricas. Contudo, os estudos de Ramalho et al. (op. cit.) incidiram somente sobre a capacidade para medir a valência emocional. A capacidade para medir o nível de activação das emoções foi, mais tarde, analisada por Lopez et al. (2012). Os autores identificaram um conjunto de emoções que estariam a prejudicar a estrutura da PJAWSN, propondo uma nova versão com 20 emoções, 10 negativas e 10 positivas.

Embora o estudo de Lopez et al. (op. cit.) seja relevante, quer porque a estrutura das emoções encontrada converge com a concepção bidimensional sugerida pelo modelo teórico de base, quer para futuras investigações no sentido de adaptação ou construção de uma escala que permita medir, para além da valência, o nível de activação das emoções, a versão aplicada no presente trabalho integra 28 emoções.

A razão de tal opção relaciona-se com o facto de a PJAWSN ter

positivas) em função do seu nível de activação.

sido utilizada em múltiplas investigações revelando sempre boas qualidades na medição desta dimensão e, no que respeita à activação, os resultados, embora apontem para a capacidade de a escala medir essa dimensão, apontam, igualmente, para algumas limitações na discriminação das emoções de alta/baixa activação, sugerindo a necessidade de realizar novos estudos.

A PJAWSN foi concebida e validada em grupos de trabalho de organizações não desportivas. Todavia, consideramos tratar-se de um instrumento válido para o estudo das emoções nas equipas desportivas, na medida em que estas se enquadram na concepção de grupo de trabalho que adoptámos. Assim, foram introduzidas somente pequenas alterações ao nível das instruções relativas ao preenchimento dos questionários, as quais se traduziram na adaptação da linguagem para o contexto desportivo.

Importa notar ainda que, contrariamente à maioria dos instrumentos para medir emoções no contexto específico do desporto [e.g., Inventário de Emoções no Desporto (Cruz, 2003)], a PJAWSN contém a mais-valia de medir emoções que ocorrem no âmbito da equipa e não no nível individual. A maioria dos instrumentos utilizados para medir emoções no contexto desportivo baseia-se, ainda, na assunção de que o desporto suscita determinadas emoções, em detrimento de outras (por exemplo, o Inventário de Emoções no Desporto identifica apenas oito emoções). Ora, até ao presente, não existem evidências empíricas que apoiem tal posição (Ekkekakis & Petruzzello, 2000). A PJAWSN, pelo contrário, inclui um leque de emoções suficientemente vasto.

2.2.2. Estudos das Qualidades Psicométricas

Uma vez que o instrumento utilizado se encontrava previamente validado por Ramalho et al. (2008), efectuámos somente a análise da consistência interna através do cálculo do *alpha* de Cronbach e da análise das correlações entre cada um dos itens e a dimensão em que se inserem.

Pela análise da Tabela 3, podemos constatar que ambas as dimensões, emoções positivas e emoções negativas, apresentam excelentes níveis de consistência interna (valor de *alpha* de .94 para ambas as dimensões), corroborando os valores obtidos nos estudos anteriores a que nos referimos. Podemos igualmente observar que nenhum item, quando eliminado, iria aumentar o *alpha*, sugerindo que a totalidade dos itens deve ser mantida (Nunnally, 1978). Além disso, a totalidade dos itens apresenta correlações elevadas com a dimensão em que se inserem, à excepção dos itens 15 e 24 cujos coeficientes de correlação apresentam uma magnitude moderada.

Tabela 3. PJAWSN: Valores do *alpha* de Cronbach e correlações item/dimensão (N=571)

Dimensões	Correlação Item/Dimensão	<i>Alpha</i> total sem o item	<i>Alpha</i>
Emoções Positivas			.94
Itens			
1	.57	.94	
4	.78	.93	
6	.74	.93	
7	.84	.93	
10	.81	.93	
11	.65	.93	
12	.77	.93	
13	.73	.93	
16	.72	.93	
20	.64	.93	
21	.66	.93	
27	.71	.93	
28	.53	.94	
Emoções Negativas			.94
Itens			
2	.77	.93	
3	.59	.93	
5	.76	.93	
8	.81	.93	
9	.79	.93	
14	.83	.93	
15	.33	.94	
17	.72	.93	
18	.78	.93	
19	.74	.93	
22	.64	.93	
23	.81	.93	
24	.37	.94	
25	.69	.93	
26	.64	.93	

3. Procedimentos de Recolha de Dados

A amostra foi recolhida no período que mediou entre Março de 2009 e Maio do mesmo ano civil, referente à época desportiva 2008/2009 e entre Novembro de 2013 e Janeiro de 2014, referente à

época desportiva 2013/2014²¹.

O primeiro contacto foi estabelecido presencialmente, por e-mail ou por telefone com cada clube, directamente com o treinador ou com um elemento da equipa em questão. Após o primeiro contacto, era enviada uma carta de apresentação (cf. Anexo C), onde se descreviam, em traços gerais, os objectivos do estudo, a natureza da participação solicitada e as formas de recolha de informação a utilizar. Foi, ainda, enfatizado o retorno que as equipas participantes poderiam obter com o investimento no estudo. Esse retorno consistia em facultar aos treinadores os resultados da sua equipa (sempre resultados da equipa e nunca individuais). Às equipas interessadas em participar no estudo e/ou que pretendiam obter mais informações, era enviado um projecto de investigação (cf. Anexo D), onde se descreviam, mais pormenorizadamente, os objectivos do estudo, a natureza da participação solicitada e as formas de recolha de informação a utilizar.

Em função da disponibilidade da equipa, foram adoptadas duas estratégias de recolha de informação. A primeira traduziu-se na aplicação presencial dos questionários (EDG_D e PJAWSN) e a segunda na entrega dos questionários aos membros da equipa para serem posteriormente preenchidos.

No caso da estratégia presencial de recolha de dados, os questionários eram aplicados nos locais onde a equipa treinava (antes da realização do treino ou após conclusão do mesmo). Eram entregues os questionários aos membros da equipa e transmitidas oralmente as informações necessárias para garantir a fiabilidade dos resultados (e.g., objectivos do estudo, reforço da confidencialidade e do anonimato das respostas).

Embora a estratégia presencial fosse a que privilegiámos, nalguns casos, devido a aspectos relacionadas com o funcionamento da equipa

²¹ A amostra referente à época desportiva 2008/2009 foi recolhida por um elemento da equipa de investigação que integramos no âmbito da sua dissertação de doutoramento. Os dados referentes à época desportiva de 2013/2014 foram por nós recolhidos, em conjunto com um colega, também da nossa equipa de investigação, como nós em processo de elaboração da sua dissertação de mestrado.

(algumas equipas, por exemplo, treinavam num local cujo tempo de utilização é limitado, tornando difícil a aplicação dos questionários antes ou após a realização do treino), foi necessário delinear uma forma alternativa de recolha de dados.

Apesar de conscientes que, quando os questionários não são respondidos no momento da sua entrega aos participantes, a “taxa de mortalidade” aumenta, definimos, como estratégia alternativa, a entrega dos questionários aos membros da equipa para posteriormente os preencherem e devolverem. A entrega dos questionários era por nós efectuada no final do treino, sendo as informações necessárias para garantir a fiabilidade dos resultados transmitidas oralmente. Individualmente, os membros da equipa preenchiam os questionários em casa e estes eram-nos, posteriormente, devolvidos.

4. Procedimentos Estatísticos

Como já referimos, o presente trabalho centra-se no nível de análise grupal. Assim, dado que os dados foram recolhidos individualmente, houve a necessidade de subir de nível de análise, procedendo-se, para tal, à agregação dos mesmos, através do cálculo das pontuações médias obtidas pelos membros de cada equipa desportiva na EDG_D e na PJAWSN.

No entanto, antes de se proceder à agregação dos resultados, foi necessário calcular um índice de acordo inter-juízes, com o propósito de justificar essa mesma agregação. Neste sentido, calculámos o índice AD (*Average Deviation Index*) baseado na dispersão em torno do valor médio do grupo (AD_M) [Burke & Dunlap, 2002; Burke, Finkelstein, & Dusig, 1999].

Este índice, que traduz a diferença, em termos absolutos, entre a resposta de cada indivíduo a um determinado item e a média do grupo nesse item, sendo o somatório destes desvios dividido pelo número de sujeitos, permite um valor de corte a partir do qual não é assumido o acordo entre os juízes (Dimas, 2007).

Esse valor é calculado através da fórmula $c/6$, em que c é o

número de respostas possíveis por item. Assim, tendo em conta a métrica dos instrumentos adoptados no presente trabalho, utilizámos o critério de $AD_M \leq 1.17$ no caso da EDG_D e de $AD_M \leq 0.83$ no caso da PJAWSN. No que concerne à EDG_D, calculámos o índice AD_M para as três fases de desenvolvimento grupal e, no que respeita à PJAWSN, para as emoções positivas e para as emoções negativas.

Embora tenhamos obtido alguns valores que excederam o valor de corte de 1.17 no caso da EDG_D e 0.83 no caso da PJAWSN, optou-se por um critério mais parcimonioso de exclusão de grupos da amostra, de forma a não perder um número excessivo de equipas. Deste modo, atendendo às sugestões de LeBreton e Senter (2008), se o número de equipas com níveis aceitáveis de concordância grupal, para cada dimensão, fosse superior a 70%, não seria excluída nenhuma das equipas.

No caso da EDG_D, para a dimensão Estruturação, constatámos que 71.7% das equipas possuem índices AD_M inferiores ao valor de corte 1.17; 80.4% para a dimensão Reenquadramento; e 86.9% para a dimensão Reestruturação/Realização. No caso da PJAWSN, para ambas as dimensões (emoções positivas e emoções negativas), verificámos que 95.7% das equipas possuem índices AD_M inferiores ao valor de corte 0.83. Assim, tendo em conta o que acabámos de explicitar, bem como o facto de os valores médios do índice AD_M para cada dimensão se situarem abaixo do ponto de corte, como é possível observar na Tabela 4, à semelhança de autores como Gamero et al. (2008), optámos por manter todas as equipas da nossa amostra.

Tabela 4. Medidas descritivas do índice AD_M (N=46)

Dimensões	<i>Min.</i>	<i>Max.</i>	<i>M</i>
EDG_D			
Estruturação	0.39	1.48	0.88
Reenquadramento	0.34	1.58	0.83
Reestruturação/Realização	0.48	1.80	0.83
PJAWSN			
Emoções Positivas	0.41	1.10	0.58
Emoções Negativas	0.38	1.01	0.59

O teste às hipóteses 1, 4 e 6 foi realizado através da condução de uma análise de regressão linear múltipla²² com as emoções negativas como variável critério e com as três fases de desenvolvimento grupal como variáveis preditoras. O teste às hipóteses 2, 3 e 5 foi realizado através da condução de uma segunda análise de regressão linear múltipla com as emoções positivas como variável critério e com as três fases de desenvolvimento grupal como variáveis preditoras. Importa referir que todas as variáveis em análise eram numéricas, sendo que o teste às hipóteses formuladas foi realizado com recurso ao programa SPSS (IBM SPSS *Statistics* 20.0).

Tendo por base as recomendações de Pestana e Gageiro (2000), Field (2005) e também Tabachnick e Fidell (2007), previamente à realização de cada uma das análises de regressão linear múltipla, foram analisados os pressupostos referentes a esta técnica estatística: ausência de *outliers* uni e multivariados; ausência de multicolinearidade entre as variáveis preditoras; normalidade, linearidade, homocedasticidade e independência dos resíduos.

Para a identificação de *outliers* univariados, isto é, casos extremos numa variável (Tabachnick & Fidell, 2007), foram analisados os resíduos estandardizados com valores absolutos superiores a 3.3. A estatística utilizada para a identificação de *outliers* multivariados, isto é, casos extremos em duas ou mais variáveis (Tabachnick & Fidell, 2007), foi a distância de Mahalanobis (o valor obtido não deve exceder o valor crítico para três variáveis preditoras: 16.27).

A multicolinearidade entre as variáveis preditoras foi analisada recorrendo-se à matriz de correlações (o coeficiente de correlação entre as mesmas não deve ser superior a .80) e às estatísticas de colinearidade, nomeadamente a tolerância e a *variance inflation factor* (VIF) [no caso da tolerância, o valor obtido deve ser próximo de um e,

²² Trata-se de uma técnica estatística que permite analisar a relação entre uma variável critério ou resposta e um conjunto de variáveis preditoras (Pestana & Gageiro, 2000). No presente estudo, como todos os preditores foram introduzidos no modelo em simultâneo, a análise de regressão linear múltipla é considerada *standard* (Tabachnick & Fidell, 2007).

no caso da VIF, próximo de zero].

A normalidade dos resíduos foi analisada a partir do teste Kolmogorov-Smirnov (o nível de significância observado deve ser superior a .05) e do histograma dos resíduos estandardizados (as observações devem distribuir-se ao longo da curva da normal).

Para analisar a linearidade dos resíduos, foram analisados o gráfico dos resíduos estandardizados com a variável critério estandardizada e o gráfico da variável critério estandardizada com a variável critério não estandardizada (no primeiro gráfico, os resíduos devem distribuir-se aleatoriamente à volta da linha horizontal zero e, no segundo, os mesmos devem distribuir-se aleatoriamente ao longo da linha recta oblíqua ascendente).

Para verificar a homocedasticidade dos resíduos, analisaram-se o gráfico dos resíduos estandardizados com a variável critério estandardizada e o gráfico dos resíduos estandardizados com os resíduos estandardizados (em ambos os gráficos, espera-se que os resíduos mantenham uma amplitude constante em relação ao eixo horizontal, isto é, que não mostrem tendências crescentes ou decrescentes).

A análise da independência dos resíduos foi feita através do teste Durbin-Watson (o valor obtido deve ser próximo de dois).

Os resultados ao teste dos pressupostos de utilização da análise de regressão linear múltipla foram satisfatórios, não tendo sugerido a exclusão de nenhum caso ou variável. O número de equipas ($N=46$) em cada uma das análises de regressão linear múltipla conduzidas assegurou, por outro lado, as condições mínimas de utilização da técnica estatística em causa. Com efeito, uma regra geral é que devem existir pelo menos cinco observações para cada variável preditora (Hair, Anderson, Tatham, & Black, 2005). Todavia, importa referir que o número de equipas que constituem a nossa amostra não satisfaz as condições ideais, pois a situação desejável seria 15 a 20 observações para cada variável preditora (Hair et al., 2005).

Apesar do N reduzido da nossa amostra constituir uma ameaça ao poder estatístico da análise de regressão linear múltipla, houve cuidados na análise prévia à aplicação da técnica estatística (nomeadamente na análise dos pressupostos), o que confere alguma robustez aos resultados obtidos. Estes, analisados com precaução, devem ser tomados como indicativos da relação estudada. Adicionalmente, como veremos na secção dos resultados, as correlações encontradas na relação entre predictoras e critérios são significativas, apresentando magnitudes elevadas (à excepção da primeira fase de desenvolvimento grupal que se correlaciona de forma moderada quer com as emoções positivas, quer com as emoções negativas e da última fase de desenvolvimento grupal que, também, se correlaciona de forma moderada com as emoções negativas), permitindo alguma confiança para prosseguir os cálculos de regressão (i.e., aplicar a técnica estatística) [Field, 2005; Pestana & Gageiro, 2000].

Antes de procedermos a cada uma das análises de regressão linear múltipla foi, ainda, necessário clarificar o efeito exercido pelas variáveis dimensão do plantel/equipa e sexo no conjunto de variáveis estudadas, através do coeficiente de correlação parcial²³.

No que respeita à variável dimensão do plantel, a razão de tal opção recai no facto de a nossa amostra ser constituída por equipas de distintas modalidades, sendo que, no futebol, o número de jogadores de campo é substancialmente diferente do que nas restantes modalidades consideradas, o que pode influenciar a relação entre o desenvolvimento grupal e as emoções. De facto, é esperado que, à medida que o número de elementos num grupo aumenta, a comunicação e a coordenação de tarefas se tornem mais difíceis,

²³ O coeficiente de correlação parcial mede a associação entre duas variáveis, controlando o efeito de uma terceira, ou seja, neste caso permite-nos avaliar a contribuição que uma variável preditora (i.e., uma das três fases de desenvolvimento grupal) tem na variação da variável critério (i.e., emoções positivas ou emoções negativas), controlando os efeitos das variáveis dimensão do plantel e sexo (Field, 2005; Pestana & Gageiro, 2000).

podendo influenciar a vivência de determinadas emoções (Steiner, 1972, cit. por Stevens, 2002).

Relativamente à variável sexo, decidimos clarificar qual o seu efeito na relação entre desenvolvimento grupal e emoções, na medida em que estudos têm revelado que as mulheres, comparativamente aos homens, exprimem as suas emoções de uma forma mais intensa (Kring & Gordon, 1998), procurando suprimir emoções socialmente consideradas como menos adequadas (e.g., fúria) [Simpson & Stroh, 2004].

Constatámos que o facto de se ter controlado as variáveis dimensão do plantel e sexo teve um efeito muito pequeno na força da relação entre as fases de desenvolvimento grupal e as emoções (positivas e negativas), razão pela qual a dimensão do plantel e o sexo não foram consideradas como sendo variáveis predictoras.

IV – Resultados

Como podemos observar na Tabela 5, o primeiro estágio de desenvolvimento grupal (Estruturação) apresenta um coeficiente de correlação positivo (de média magnitude) com as emoções positivas ($r=.35$; $p=.016$) e negativo (também de média magnitude) com as emoções negativas ($r= -.32$; $p=.031$)²⁴.

Relativamente ao segundo estágio de desenvolvimento grupal (Reenquadramento), verificámos uma correlação negativa (de elevada magnitude) com a ocorrência de emoções positivas ($r= -.81$; $p<.001$) e positiva (também de elevada magnitude) com a ocorrência de emoções negativas ($r=.88$; $p<.001$).

No que concerne à última fase de desenvolvimento grupal (Reestruturação/Realização), constatámos uma correlação positiva (de elevada magnitude) com a ocorrência de emoções positivas ($r=.52$; $p<.001$) e negativa (de moderada magnitude) com a ocorrência de

²⁴ Recordamos que consideramos a escala proposta por Cohen et al. (2003) para a interpretação dos coeficientes de correlação (cf. Nota de rodapé nº 19).

emoções negativas ($r = -.45$; $p = .002$).

Os resultados revelaram que as três variáveis preditoras consideradas no presente trabalho (que correspondem às três fases de desenvolvimento grupal) se correlacionam significativamente quer com as emoções positivas, quer com as emoções negativas, podendo, deste modo, prosseguir-se as análises de regressão linear múltipla (Field, 2005; Pestana & Gageiro, 2000).

Tabela 5. Intercorrelações, médias e desvios-padrão das fases de desenvolvimento grupal e das emoções positivas e negativas (N=46)

Dimensões	M	DP	1	2	3	4	5
1. Estruturação	4.30	1.25	--				
2. Reenquadramento	3.01	1.27	-.44**	--			
3. Reestruturação/Realização	4.38	1.13	-.31*	-.36*	--		
4. Emoções Positivas	3.69	.58	.35*	-.81***	.52***	--	
5. Emoções Negativas	2.14	.58	-.32*	.88***	-.45**	-.86***	--

Nota. * $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

A Tabela 6 apresenta os resultados para as duas análises de regressão linear múltipla²⁵.

Tabela 6. Resultados das análises de regressão linear múltipla com as três fases de desenvolvimento grupal a predizer as emoções positivas e as emoções negativas (N=46)

Variáveis	B	EPB	β	R ²
Equação de Regressão 1 (Emoções Negativas)				.79***
Estruturação	.00	.04	.00	
Reenquadramento	.38	.04	.83***	
Reestruturação/Realização	-.08	.04	-.15	
Equação de Regressão 2 (Emoções Positivas)				.75***
Estruturação	.10	.05	.21*	
Reenquadramento	-.27	.05	-.58***	
Reestruturação/Realização	.20	.05	.38***	

Nota. * $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

²⁵ Relembramos que o teste às hipóteses 1, 4 e 6 foi realizado através da condução de uma análise de regressão linear múltipla com as emoções negativas como variável critério e com as três fases de desenvolvimento grupal como variáveis preditoras (equação de regressão 1). O teste às hipóteses 2, 3 e 5 foi realizado através da condução de uma segunda análise de regressão linear múltipla com as emoções positivas como variável critério e com as três fases de desenvolvimento grupal como variáveis preditoras (equação de regressão 2).

Como é possível observar pela análise da primeira equação de regressão da Tabela 6, as três fases de desenvolvimento grupal, em conjunto, explicam 79% da variância da variável emoções negativas [$R^2=.79$; $F_{(3,42)}=52.63$, $p<.001$]. A primeira fase de desenvolvimento grupal (Estruturação) não constitui um preditor significativo das emoções negativas ($\beta=.00$; $p=.990$). A última fase de desenvolvimento grupal (Reestruturação/Realização) também não se revela um preditor significativo das emoções negativas ($\beta= -.15$; $p=.118$). Pelo contrário, a segunda fase de desenvolvimento grupal (Reenquadramento) é um preditor, positivo e estatisticamente significativo das emoções negativas ($\beta=.83$; $p<.001$).

Os resultados obtidos através da segunda equação de regressão sugerem que, conjuntamente, as três fases de desenvolvimento grupal explicam 75% da variância total da variável emoções positivas [$R^2=.75$; $F_{(3,42)}=40.99$, $p<.001$]. A primeira fase de desenvolvimento grupal (Estruturação) constitui um preditor, positivo e estatisticamente significativo das emoções positivas ($\beta=.21$; $p=.048$). A segunda fase de desenvolvimento grupal (Reenquadramento) revela-se um preditor, negativo e estatisticamente significativo das emoções positivas ($\beta=-.58$; $p<.001$). A última fase de desenvolvimento grupal (Reestruturação/Realização) é um preditor, positivo e estatisticamente significativo das emoções positivas ($\beta=.38$; $p<.001$).

V – Discussão

O presente trabalho teve como principal objectivo dar continuidade aos estudos produzidos com o intuito de analisar a relação existente entre o desenvolvimento grupal e as emoções em grupos de trabalho, estendendo-os ao domínio do desporto, investigando nomeadamente em que medida cada uma das fases de desenvolvimento grupal preconizadas pelo MIDG prediz a emergência de emoções negativas e de emoções positivas.

Nele, procurámos averiguar um conjunto de seis hipóteses, as

quais foram apresentadas na secção dos objectivos.

De acordo com o modelo de desenvolvimento grupal em que nos ancorámos (MIDG), e em função dos resultados obtidos em estudos anteriores (e.g., E. Pinto, 2009; Monteiro, 2007; N. Pinto, 2011; Ramalho, 2008), seria expectável, tal como sustentámos nas hipóteses formuladas, que a segunda fase de desenvolvimento grupal (Reenquadramento) fosse um preditor, positivo e estatisticamente significativo das emoções negativas (hipótese 1) e, por contraste, um preditor, negativo e estatisticamente significativo das emoções positivas (hipótese 2). Foi efectivamente nesse sentido que apontaram os resultados obtidos. Desta forma, foi encontrado suporte empírico para as hipóteses 1 e 2 e apoiadas as propostas do MIDG.

Com efeito, durante o segundo estágio de desenvolvimento grupal, os membros esforçam-se para encontrar o seu lugar no grupo e para se libertar da autoridade do líder, o que facilita a emergência de conflitos e de tensões entre os membros da equipa e, entre estes e o respectivo líder. É um estágio caracterizado pelas relações tempestuosas, pela individualidade e pela comunicação pouco profunda e marcada por mal-entendidos. Os membros do grupo, que na fase anterior, fruto da pressão para a conformidade e do desejo de aceitação/inclusão, tendem a assumir o papel que lhes é atribuído mais do que desejado, sentem, nesta fase, emoções como a ansiedade e a frustração. O clima é, portanto, propício a uma maior expressão de emoções negativas e a uma menor expressão de emoções positivas, explicando os coeficientes de regressão obtidos.

De acordo com o modelo de desenvolvimento grupal em que nos ancorámos, e em função da revisão da literatura realizada e dos resultados obtidos em estudos anteriores (E. Pinto, 2009; Monteiro, 2007; N. Pinto, 2011), seria, igualmente, expectável, tal como sustentámos nas hipóteses formuladas, que quer a primeira fase (Estruturação), quer a última fase (Reestruturação/Realização) de desenvolvimento grupal fossem preditores, positivos e

estatisticamente significativos das emoções positivas (hipótese 3 e 5, respectivamente). De igual modo, as nossas hipóteses 4 e 6 previam, respectivamente, que a primeira e a última fases de desenvolvimento grupal se revelassem preditores, negativos e estatisticamente significativos da frequência de emoções negativas.

Os resultados obtidos suportam as hipóteses 3 e 5 mas não as hipóteses 4 e 6. De facto, o coeficiente de regressão estandardizado obtido é positivo e estatisticamente significativo entre as fases de Estruturação e Reestruturação/Realização e a frequência de emoções positivas mas não é significativo entre as referidas fases e a frequência de emoções negativas.

Relativamente à hipótese 3, os resultados obtidos são interpretáveis à luz do MIDG, uma vez que o primeiro estágio de desenvolvimento grupal pode ser marcado pela coesão fusional e comunicação cordial, podendo predominar emoções positivas, pois ajudam à aceitação e integração dos membros no grupo (De Dreu et al., 2001). Quanto à hipótese 5, no último estágio de desenvolvimento grupal, predomina um clima de abertura, diálogo, partilha, cooperação, interdependência e envolvimento, que conduz a um (re)estabelecimento e fortalecimento das relações de confiança entre os membros da equipa e, entre estes e o respectivo líder. Tal constitui um contexto capaz de potenciar a expressão de emoções positivas.

Assim, as características das fases de Estruturação e Reestruturação/Realização explicam os resultados obtidos que se revelaram convergentes com as indicações produzidas nos estudos anteriores, também assentes no MIDG e que referimos na secção destinada à revisão da literatura.

No que concerne às hipóteses 4 e 6, não é possível concluir que as fases de Estruturação e Reestruturação/Realização são preditoras negativas e estatisticamente significativas das emoções negativas.

Contudo, importa referir que os coeficientes de correlação obtidos entre a primeira fase de desenvolvimento grupal e a frequência de

emoções negativas e também entre a última fase de desenvolvimento grupal e a frequência de emoções negativas foram significativos (e negativos) [cf. Tabela 5].

Além disso, no que respeita à fase de Reestruturação/Realização, importa mesmo notar que o coeficiente de regressão estandardizado obtido, apesar de não significativo, aponta no sentido das previsões.

Assim, embora as nossas hipóteses não tenham recebido suporte empírico, acreditamos que, com uma amostra de maior dimensão (que, assim, aumentasse o poder estatístico da nossa análise), os resultados pudessem vir a suportá-las, tanto mais que, no que respeita à última fase de desenvolvimento grupal, outros estudos a que nos referimos já (e.g., E. Pinto, 2009; Monteiro, 2007) se revelaram convergentes no sentido da hipótese 6 que formulámos, a qual sustenta que a fase de Reestruturação/Realização é um preditor, negativo e estatisticamente significativo da frequência de emoções negativas.

De facto, em consonância com o modelo, na primeira fase de desenvolvimento grupal, os membros procuram, com muito cuidado e de forma defensiva, a sua inclusão no grupo e desenvolvem esforços para agradar ao líder e aos outros membros. O conflito é evitado a todo o custo por ser sentido como uma ameaça, razão pela qual, existe uma regulação das emoções negativas (Aune et al., 2001). Por seu lado, quando o grupo atinge a última fase de desenvolvimento grupal, vive-se um clima de elevada confiança, envolvimento e cooperação, provocando uma redução acentuada de emoções negativas.

É de salientar que, em comparação com as restantes fases de desenvolvimento grupal, o segundo estágio de desenvolvimento é o melhor preditor quer no que diz respeito às emoções negativas, quer no que diz respeito às emoções positivas. Assim, os resultados realçam o facto de a fase de Reenquadramento ser um estágio de desenvolvimento grupal emocionalmente intenso e aquele que melhor pode ser definido quanto à expressão de emoções (quer positivas, quer

negativas, em sentido contrário, umas relativamente às outras).

VI – Conclusões

Com o presente trabalho, desafiámo-nos a analisar a relação existente entre as fases de desenvolvimento grupal propostas pelo MIDG e a expressão de emoções em termos da sua valência (i.e., emoções positivas e negativas) nas equipas desportivas, estendendo, desta forma, ao domínio desportivo os estudos já realizados nesta linha de investigação acerca das emoções nos grupos (e.g., Monteiro, 2007; E. Pinto, 2009; Pinto et al., 2010; Ramalho, 2008; Ramalho et al., 2012). Tendo em conta os referidos estudos e suas indicações, procurámos, de forma específica, analisar se os estádios de desenvolvimento grupal se mostravam preditores diferenciados da expressão de emoções.

No geral, os resultados obtidos suportam as hipóteses de investigação formuladas. Existem, pois, evidências estatisticamente significativas que sustentam que a segunda fase de desenvolvimento grupal (Reenquadramento) é um preditor positivo das emoções negativas e, por contraste, um preditor negativo das emoções positivas. Por outro lado, a primeira e a última fases de desenvolvimento grupal (Estruturação e Reestruturação/Realização, respectivamente) constituem preditores positivos e estatisticamente significativos das emoções positivas. Desta forma, os resultados do presente trabalho corroboram as principais propostas que decorrem do modelo de desenvolvimento grupal em que nos ancorámos, sendo, no geral, convergentes com as investigações realizadas no âmbito das emoções nos grupos.

Outro resultado que consideramos importante destacar prende-se com a ausência de suporte empírico para afirmar que as fases de Estruturação e Reestruturação/Realização são preditoras negativas das emoções negativas, embora a análise das correlações entre as referidas fases e as emoções negativas indicasse a existência de associações

negativas. Como já apontámos, o tamanho reduzido da amostra utilizada pode ter contribuído para o resultado que obtivemos.

Pretendemos, agora, realçar as principais implicações e também algumas limitações do presente trabalho.

No contexto desportivo, as equipas são reconhecidas como entidades fundamentais, pois a maioria das actividades requer a presença das mesmas (Smith & Bar-Eli, 2007). No entanto, o nível de análise da maioria das investigações que têm sido produzidas não se centra no grupo, mas sim no indivíduo (fundamentalmente o atleta) [Botterill & Patrick, 2003; Eys & Beauchamp, 2007]. Assim, o presente trabalho, ao eleger como objecto de estudo central as equipas desportivas, constitui uma mais-valia, quer em termos conceptuais, quer em termos empíricos.

O desenvolvimento grupal das equipas desportivas é, como vimos, quase sempre perspectivado segundo o modelo de Tuckman (1965). Todavia, observámos que, na área do desporto, a maioria dos investigadores não procede à integração de tal conhecimento. Por esse motivo, o reconhecimento da natureza dinâmica das equipas desportivas no presente trabalho constitui, também, um contributo que não podemos deixar de destacar. Com efeito, e ancorando-nos no Modelo Integrado de Desenvolvimento Grupal de Miguez e Lourenço (2001), as equipas são sistemas que evoluem ao longo do tempo e os seus processos e dinâmicas (entre os quais, a expressão de emoções) dependem profundamente do contexto no qual se inserem, nomeadamente da fase de desenvolvimento grupal. Adoptar este tipo de perspectiva possibilita, como já aludimos anteriormente, uma compreensão mais holística do fenómeno grupal (Arrow et al., 2004; Danish et al., 2007).

Acreditamos, ainda, que reconhecer a natureza dinâmica das equipas desportivas é útil em termos de intervenção, já que os agentes desportivos, com maior destaque para os treinadores, podem, desta forma, potenciar um adequado desempenho das equipas, ajustando

expectativas e comportamentos em função da fase de desenvolvimento grupal em que as mesmas se encontram. Dito de outra forma, os agentes desportivos podem analisar e intervir ao nível dos vários fenómenos e processos grupais (e.g., conflitos, coesão, emoções), contextualizando-os a cada uma das fases de desenvolvimento grupal, em detrimento de uma perspectiva tradicional em que os mesmos se encontram desintegrados do contexto (N. Pinto, 2011). No que respeita às emoções nas equipas desportivas, por exemplo, identificar as etapas em que o clima grupal é marcado por emoções positivas ou por emoções negativas permitirá conceber estratégias de acção mais ajustadas ao estágio de desenvolvimento grupal, o que poderá ter repercussões positivas no desempenho da equipa.

Com base na literatura consultada, verificámos, igualmente, que, no desporto, o estudo das emoções, além de predominantemente orientado para um nível de análise individual, foca-se sobretudo na sua relação com o desempenho desportivo. Acreditamos, por isso, que ao procurar analisar a expressão de emoções positivas e negativas, contextualizando-as a cada uma das fases de desenvolvimento grupal, estamos a contribuir para uma maior compreensão das emoções, quer porque nos centramos no nível de análise grupal, quer porque integramos o estudo das emoções com o desenvolvimento grupal, uma relação pouco estudada na área do desporto.

O presente trabalho constitui também um contributo válido porque, além de reforçar as qualidades psicométricas da EDG_D, consolida e enriquece a perspectiva do modelo teórico que lhe é subjacente (MIDG), nomeadamente reforçando que cada fase é marcada por diferentes características, nomeadamente no que respeita à expressão de emoções. Além disso, os nossos resultados apontam ainda no sentido de que, as propostas do MIDG a respeito das características das fases de desenvolvimento grupal são generalizáveis a diferentes tipos de grupo, o que contribui para situar o modelo na

categoria que Chang et al. (2006) designam por “geral” (*population generalized to all* na expressão original dos autores referidos).

De igual modo, o presente trabalho reforça a capacidade da PJAWSN para a identificação de emoções positivas e negativas em contextos de grupos de trabalho e também as qualidades do modelo teórico que lhe é subjacente [Modelo Circumplexo das Emoções de Russell (1980)], enquanto estrutura de representação das emoções no desporto.

Não negando a sua relevância, o presente trabalho apresenta algumas limitações. O facto de os dados terem sido recolhidos de uma forma transversal, num momento único, constitui uma primeira limitação, na medida em que coloca barreiras à análise do desenvolvimento grupal.

Uma outra limitação prende-se com o facto de os dados terem sido recolhidos junto de uma única fonte de informação – os membros da equipa, o que pode conduzir à ameaça da variância do método comum²⁶.

A natureza não experimental do presente trabalho, ao impedir o estabelecimento de relações de causalidade, constitui, igualmente, uma limitação.

O facto de a nossa amostra ter sido composta por apenas 46 equipas desportivas constitui uma séria ameaça ao poder estatístico da análise de regressão linear múltipla, conduzindo a que os nossos resultados devam ser analisados com precaução. Conscientes desta limitação, procurámos atenuá-la através da análise cuidada dos pressupostos da técnica estatística em causa, bem como das correlações encontradas na relação entre preditores e critérios.

Por fim, embora tenhamos clarificado o efeito da dimensão do plantel e do sexo, o facto de os resultados encontrados poderem dever-

²⁶ A variância do método comum (*common method variance*) representa uma forma de erro sistemático ou de contaminação, causada pelo método utilizado e não pelo traço medido. Quando não controlada, este tipo de ameaça pode conduzir à emergência de correlações que não traduzem relações reais entre as variáveis em estudo (Conway, 2002).

se à intervenção de um conjunto de outras variáveis moderadoras ou mediadoras (e.g., coesão grupal, eventos desportivos pelos quais a equipa está a passar) representa outra das suas limitações.

Efectivamente, Lowther e Lane (2002) constataram que um elevado nível de coesão grupal se encontra positivamente relacionado com a experiência de emoções positivas. Fernández, Fernández e Pesqueira (2000) sublinham a importância de, nos estudos sobre as emoções em contexto desportivo, se analisar os eventos desportivos significativos (e.g., vitórias, derrotas, ingresso de novos membros) pelos quais a equipa está a passar, já que estes também podem influenciar a vivência de determinadas emoções.

Finalmente, gostaríamos de partilhar sugestões que, em nossa opinião, podem ser úteis aquando da realização de futuros trabalhos quer no domínio do desporto, quer noutros domínios.

Um estudo longitudinal com uma amostra de maior dimensão, apesar das dificuldades inerentes, possibilitaria não somente acompanhar o percurso dinâmico das equipas, resultando num aprofundar de conhecimentos sobre a relação entre o desenvolvimento grupal e as emoções, mas também incrementar o poder estatístico.

O progresso da investigação na área do desenvolvimento grupal e emoções em equipas desportivas (e também noutros tipos de equipas de trabalho) implica melhorias ao nível da utilização dos instrumentos. A EDG_D revelou possuir boas qualidades psicométricas nos estudos já realizados quer em equipas desportivas, quer noutros tipos de grupos de trabalho, como mostraram os estudos de L. Marques (2010). Apesar disso, importará elevar o nível de discriminação da EDG_D no que respeita a terceira e quarta fases de desenvolvimento grupal.

De igual modo, importará prosseguir os estudos acerca das qualidades psicométricas da nova versão (com 20 emoções) da PJAWSN para medir, para além das emoções positivas e negativas, o nível de activação das mesmas.

Melhorar a capacidade para discriminar ambas as dimensões preconizadas pelo Modelo Circumplexo das Emoções de Russell (1980) – valência emocional e activação – representa um contributo de elevada pertinência para os grupos de trabalho, em geral, e para as equipas desportivas em particular, pois o exercício físico produz mudanças significativas ao nível da activação das emoções e essas mesmas mudanças podem ser sentidas como positivas ou negativas (Ekkekakis & Petruzzello, 2002).

Se tomarmos em linha de conta as sugestões de Dias et al. (2013) e também de N. Pinto (2011), para uma perspectiva mais detalhada, quer das emoções, quer do desenvolvimento grupal, seria interessante, apesar dos custos associados, utilizar para a recolha de dados, além de métodos quantitativos, métodos qualitativos (e.g., entrevista, observação), bem como recolher dados junto de outras fontes de informação (e.g., treinadores, equipa técnica).

Finalmente, dada a importância atribuída ao desempenho desportivo, seria interessante prolongar os estudos já iniciados por N. Pinto (op. cit.) acerca da relação existente entre o desenvolvimento grupal e o desempenho de uma equipa desportiva, incluindo, também, o papel das emoções.

Bibliografia

- Alferes, V. (1997). *Investigação científica em psicologia: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Araújo, I. G. (2011). *Mapeamento e explicitação dos processos de grupo no contexto do desenvolvimento grupal* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Arrow, H., Poole, M. S., Henry, K. B., Wheelan, S., & Moreland, R. (2004). Time, change, and development. *Small Group Research*, 35(1), 73 -105.
- Ashforth, B. E., & Humphrey, R. H. (1995). Emotion in the

- workplace: A reappraisal. *Human Relations*, 48(2), 97-125.
- Aune, K. S., Aune, R. K., & Buller, D. B. (1994). The experience, expression and perceived appropriateness of emotions across levels of relationship development. *The Journal of Social Psychology*, 134(2), 141-150.
- Barrett, F. L., & Russell, J. A. (1998). Independence and bipolarity in the structure of current affect. *Journal of personality and Social Psychology*, 74(4), 976-984.
- Barsade, S. G. (2002). The ripple effect: Emotional contagion and its influence on group behavior. *Administrative Science Quarterly*, 47, 644-675.
- Barsade, S. G., & Gibson, D. E. (2007). Why does affect matter in organizations?. *Academy of Management Perspective*, 36-59.
- Bartel, C. A., & Saavedra, R. (2000). The collective construction of work group moods. *Administrative Science Quarterly*, 45, 197-231.
- Berger, B. G., Pargam, D., & Weinberg, R. S. (2007). *Foundations of exercise psychology* (2^a ed.). Morgantown: Fitness Information Technology.
- Botterill, C., & Patrick, T. (2003). Understanding and managing emotions in team sports. In R. Lidor & K. Henschen (Eds.), *The psychology of team sports* (pp. 115-130). Morgantown: Fitness Information Technology.
- Bouwen, R., & Fry, R. (1996). Facilitating group development: Interventions for a relational and contextual construction. In M. West (Ed.), *Handbook of Work Group Psychology* (pp. 531-552). Chichester: John Wiley & Sons.
- Brower, A. (1996). Group development as constructed social reality revisited: The constructivism of small groups. *Families in Society*, 77(6), 336-345.
- Burke, M. J., & Dunlap, W. P. (2002). Estimating interrater agreement with the Average Deviation Index: A user's guide.

- Organizational Research Methods*, 5(2), 159-172.
- Burke, M. J., Finkelstein, L. M., & Dusig, M. S. (1999). On average deviation indices for estimating interrater agreement. *Organizational Research Methods*, 2, 49-68.
- Bryman, A., & Cramer, D. (2011). *Quantitative data analysis with IBM SPSS 17, 18 & 19: A guide for social scientist*. London: Routledge.
- Carron, A. V., & Hausenblas, H. A. (1998). *Group dynamics in sport* (2^a ed.). Morgantown: Fitness Information Technology.
- Chang, A., Duck, J., & Bordia, P. (2006). Understanding the multidimensionality of group development. *Small Group Research*, 37(4), 327-350.
- Cohen, J., Cohen, P., West, S. G., & Aiken, L. (2003). *Applied multiple regression/correlation analysis for the behavioral sciences*. London: Lawrence Erlbaum.
- Cohen, L., & Holliday, M. (1982). *Statistics for social scientists*. London: Harper & Row.
- Conway, J. M. (2002). Method variance and method bias in industrial and organizational psychology. In S. Rogelberg (Ed.), *Handbook of research methods in industrial and organizational psychology* (pp. 344-365). Oxford: Blackwell Publishing.
- Cotterill, S. (2013). *Team psychology in sports: Theory and practice*. New York: Routledge.
- Cox, R. H. (2007). *Sport psychology: Concepts and applications* (6^a ed.). New York: McGraw-Hill.
- Cruz, J. F. (2003). *Inventário de emoções no desporto*. Braga: Universidade do Minho.
- Danish, S. J., Owens, S. S., Green, S. L., & Brunelle, J. P. (2007). Building bridges for disengagement: The transition process for individuals and teams. In D. Smith & M. Bar-Eli (Eds.), *Essential readings in sport and exercise psychology* (pp. 202-

- 208). Champaign, IL: Human Kinetics.
- De Dreu, C. K., West, M. A., Fischer, A. H., & MacCurtain, S. (2001). Origins and consequences of emotions in organizational teams. In P. Payne & C. Cooper (Eds.), *Emotions at work* (pp. 199-216). New York: John Wiley & Sons.
- Devine, D. J. (2002). A review and integration of classification systems relevant to teams in organizations. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 6(4), 291-310.
- Dias, C., Corte-Real, N., Cruz, J. F., & Fonseca, A. M. (2013). Emoções no desporto: O que sabemos e o (que sentimos) que julgamos saber. *Revista de Psicología del Deporte*, 22(2), 473-480.
- Dimas, I. D. (2007). *(Re)pensar o conflito intragrupal: Níveis de desenvolvimento e eficácia* (Dissertação de doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Dimas, I. D., Lourenço, P. R., & Miguez, J. (2008). Conflitos, gestão de conflitos e desenvolvimento grupal: Contributo para uma articulação. *Psychologica*, 47, 9-27.
- Ekkekakis, P., Hall, E. E., VanLanduyt, L. M., & Petruzzello, S. J. (2000). Walking in (affective) circles: Can short walks enhance affect?. *Journal of Behavioral Medicine*, 23(3), 245-275.
- Ekkekakis, P., & Petruzzello, S. J. (2000). Analysis of the affect measurement conundrum in exercise psychology: I. Fundamental issues. *Psychology of Sport and Exercise*, 1, 71-88.
- Ekkekakis, P., & Petruzzello, S. J. (2002). Analysis of the affect measurement conundrum in exercise psychology: IV. A conceptual case for the Affect Circumplex. *Psychology of Sport and Exercise*, 3, 35-63.

- Ekkekakis, P., & Petruzzello, S. J. (2004). Affective, but hardly effective: a reply to Gauvin and Rejeski (2001). *Psychology of Sport & Exercise*, 5, 135–152.
- Eys, M., Burke, S., Carron, A., & Dennis, P. (2006). The sport team as an effective group. In J. Williams (Ed.), *Applied sport psychology: personal growth to peak performance*, (5^a ed., pp. 157-173). Boston: McGraw-Hill.
- Eys, M. A., & Beauchamp, M. R. (2007). *Group dynamics in exercise and sport psychology: Contemporary themes*. New York: Routledge.
- Fernández, E. A., Fernández, C. A., & Pesqueira, G. S. (2000). Aportaciones del POMS a la medida del estado de ánimo de los deportistas: Estado de la cuestión. *Revista de Psicología del Deporte*, 9, 7-20.
- Field, A. (2005). *Discovering statistics using SPSS: And sex, drugs and rock 'n' roll* (2^a ed.). London: Sage Publications.
- Gamero, N., González-Romá, V., & Peiró, J. (2008). The influence of intra-team conflict on work teams' affective climate: A longitudinal study. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 81, 47-69.
- Gauvin, L., & Brawley, L. R. (1993). Alternative psychological models and methodologies for the study of exercise and affect. In P. Seraganian (Ed.), *Exercise psychology: The influence of physical exercise on psychological processes* (pp. 146–171). New York: John Wiley & Sons.
- Hanin, Y. L. (2007). Emotions in sport: Current issues and perspectives. In G. Tenenbaum & R. Eklund (Eds.), *Handbook of Sport Psychology*, (3^a ed., pp. 31-58). Hoboken, N. J.: Wiley.
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise multivariada de dados* (5^a ed.). São Paulo: Bookman.
- Hassmén, P., & Blomstrand, E. (1995). Mood state relationships and

- soccer team performance. *The Sport Psychologist*, 9, 297-308.
- Hatfield, E., Cacioppo, J. T., & Rapson, R. L. (1994). *Emotional contagion: Studies in emotion and social interaction*. New York: Cambridge University Press.
- Hill, M., & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Sílabo.
- Jones, M. V. (2003). Controlling emotions in sport. *The Sport Psychologist*, 17, 471-486.
- Karageorghis, C. I., & Terry, P. C. (2011). *Inside sport psychology*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Katwyk, P. T., Fox, S., Spector, P. E., & Kelloway, E. K. (2000). Using the Job-Related Affective Well-Being Scale (JAWS) to investigate affective responses to work stressors. *Journal of Occupational Health Psychology*, 5(2), 219-230.
- Kelly, J. R., & Barsade, S. G. (2001). Mood and emotions in small groups and work teams. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 86(1), 99-130.
- Keltner, D., & Haidt, J. (1999). Social functions of emotions at four levels of analysis. *Cognition and Emotion*, 13(5), 505-521.
- Kring, A. M., & Gordon, A. H. (1998). Sex differences in emotion: Expression, experience, and physiology. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(3), 686-703.
- Larsen, R. J., & Diener, E. (1992). Promises and problems with the Circumplex Model of Emotion. In M. Clark (Ed.), *Review of personality and social psychology* (Vol. 13, pp. 25-59). Newbury Park, CA: Sage.
- Lazarus, R. S. (2000). How emotions influence performance in competitive sports. *The Sport Psychologist*, 14, 229-252.
- LeBreton, J. M., & Senter, J. L. (2008). Answers to 20 questions about interrater reliability and interrater agreement. *Organizational Research Methods*, 11(4), 815-852.
- Lopez, A. A., Lourenço, P. R., Dimas, I. D., & Figueiredo, C. (2012).

- PJAWSN – Escala portuguesa do bem-estar afectivo no trabalho: Contributos para a sua validação. In C. Carvalho, P. Lourenço, & C. Peralta (Eds.), *A emoção nas organizações* (pp. 155-178). Viseu: PsicoSoma.
- Lourenço, P. R., & Dimas, I. D. (2011). O Grupo revisitado: Considerações em torno da dinâmica e dos processos grupais. In A. Gomes (Ed.), *Psicologia das organizações, do trabalho e dos recursos humanos* (pp. 133-199). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Lowther, J., & Lane, A. (2002). Relationship between mood, cohesion and satisfaction with performance among soccer players. *Athletic Insight: The online Journal of Sport Psychology*, 4(3), 57-69.
- Marques, L. (2010). *Desenvolvimento grupal: Adaptação da EDG_D para o contexto laboral e estudo das suas qualidades psicométricas* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- McGrath, J. (1984). *Groups: Interaction and performance*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Miguez, J., & Lourenço, P. R. (2001). *Qual a contribuição da metáfora “equipa” para a abordagem da eficácia organizacional?*. Comunicação apresentada no IV Encontro Luso-Espanhol de Psicologia Social, Universidade Lusíada, Porto.
- Monteiro, M. J. (2007). *Emoções e conflitos: compreensão, percepção e relação com o desenvolvimento grupal* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Nunnally, J. (1978). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.
- Ortony, A., & Turner, T. J. (1990). What's basic about basic emotions?. *Psychology Review*, 97, 315–331.

- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano* (8ª ed.). Porto Alegre: Artmed Editora, S.A.
- Pensgaard, A. M., & Duda, J. L. (2003). Sydney 2000: The interplay between emotions coping, and the performance of Olympic-level athletes. *The Sport Psychologist*, *17*, 253-267.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. (2000). *Análise de dados para ciências sociais: A complementariedade de SPSS* (2ª ed.). Lisboa: Sílabo.
- Pinto, E. (2009). *Emoções na vida grupal: Porque os grupos também sentem* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Pinto, N. (2011). *A Relação entre os factores de desenvolvimento grupal, liderança e eficácia na díade treinador - equipa desportiva* (Dissertação de doutoramento não publicada). Departamento de Educação Física e Desporto da Universidade da Madeira, Funchal.
- Pinto, E., Lourenço, P. R., & Dimas, I. D. (2010). Emociones en la vida del grupo: Porque los grupos también sienten. *Ciencia Y Trabajo*, *12*(36), 312-319.
- Posner, J., Russell, J. A., & Peterson, B. S. (2005). The Circumplex Model of Affect: An integrative approach to affective neuroscience, cognitive development, and psychopathology. *Development and Psychopathology*, *17*, 715–734.
- Ramalho, A. C. (2008). *Emotions and team effectiveness: Driving and restraining forces of a group development* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Ramalho, A. C., Monteiro, M. J., Lourenço, P. R., & Figueiredo, C. (2008). Emoções e grupos de trabalho: Adaptação de uma escala de medida das emoções, para situação normal e para

- situação de conflito. *Psychologica*, 47, 145-163.
- Ramalho, A. C., Pinto, E., & Lourenço, P. R. (2012). Emoções nos grupos de trabalho: uma abordagem desenvolvimental. In C. Carvalho, P. Lourenço, & C. Peralta (Eds.), *A emoção nas organizações* (pp. 195-218). Viseu: PsicoSoma.
- Remington, N. A., Fabrigar, L. R., & Visser, P. S. (2000). Reexamining the Circumplex Model of Affect. *Journal of personality and Social Psychology*, 79(2), 286-300.
- Russell, J. A. (1980). A Circumplex Model of Affect. *Journal of Personality and Social Psychology Review*, 39, 1161-1178.
- Sampaio, D. (2006). *Lavrar o mar: um novo olhar sobre o relacionamento entre pais e filhos*. Lisboa: Editorial Caminho, S.A.
- Simpson, P. A., & Stroh, L. K. (2004). Gender differences: Emotional expression and feelings of personal inauthenticity. *Journal of Applied Psychology*, 89(4), 715-721.
- Smith, D., & Bar-Eli, M. (2007). *Essential readings in sport and exercise psychology*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Stevens, D. E. (2002). The science of developing cohesion. In J. Silva & D. Stevens (Eds.), *Psychological foundations of sport* (pp. 291-305). Boston: Allyn and Bacon.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using multivariate statistics* (5^a ed.). Boston: Allyn and Bacon.
- Taylor, A., Katomeri, M., & Ussher, M. (2006). Effects of walking on cigarette cravings and affect in the context of nesbitt's paradox and the Circumplex Model. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 28, 18-31.
- Thayer, R. E. (1989). *The origin of everyday moods: Managing energy, tension and stress*. New York: Oxford University Press.
- Totterdell, P. (1999). Mood scores: Mood and performance in professional cricketers. *British Journal of Psychology*, 90, 317-

332.

- Tuckman, B. W. (1965). Developmental sequence in small groups. *Psychological Bulletin*, 63(6), 384-399.
- Vallerand, R. J., & Blanchard, C. M. (2000). The study of emotion in sport and exercise. In Y. Hanin (Ed.), *Emotions in sport* (pp. 3-38). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (1999). *Foundations of sport and exercise psychology* (2^a ed.). Champaign: Human Kinetics.
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2007). *Foundations of sport and exercise psychology* (4^a ed.). Champaign: Human Kinetics.
- Welch, A. S., Hulley, A., Ferguson, C., & Beauchamp, M. R. (2007). Affective responses of inactive women to a maximal incremental exercise test: A test of the dual-mode model. *Psychology of Sport and Exercise*, 8, 401-423.
- Wheelan, S. A., & Kaeser, R. M. (1997). The influence of task type and designated leaders on developmental patterns in groups. *Small Group Research*, 28(1), 94-121.

Anexos

Anexo A – Escala de Desenvolvimento Grupal no Desporto

Código M:

QUESTIONÁRIO DIRECCIONADO AOS(ÀS) JOGADORE(A)S

Código E:

O Presente questionário é parte integrante de um estudo sobre equipas desportivas, destinando-se exclusivamente a fins de investigação.

Pretendemos conhecer a sua opinião sobre o que acontece na sua equipa relativamente a alguns aspectos no **ACTUAL MOMENTO**. A **CONFIDENCIALIDADE** e o **ANONIMATO** das respostas são integralmente garantidas.

Note que não existem respostas **CERTAS** ou **ERRADAS**, **POSITIVAS** ou **NEGATIVAS**, **BOAS** ou **MÁS**.

MODALIDADE DESPORTIVA: _____ **DIVISÃO EM QUE A EQUIPA COMPETE:** _____

SEXO: _____ **IDADE:** _____ **HABILITAÇÕES LITERÁRIAS:** _____

NÚMERO DE ÉPOCAS A REPRESENTAR ESTA EQUIPA: _____

É REMUNERADO PELA PRÁTICA DESPORTIVA NESTA EQUIPA: SIM NÃO

EM CASO AFIRMATIVO, ESTA É A SUA PRINCIPAL ACTIVIDADE REMUNERADA: SIM NÃO

QUESTIONÁRIO DE DESENVOLVIMENTO GRUPAL NO DESPORTO (EDGD)

INSTRUÇÕES DE PREENCHIMENTO:

- Para cada situação descrita, **UTILIZANDO A ESCALA APRESENTADA (1 - 7)**, coloque **UM X NA OPÇÃO QUE CONSIDERE MAIS ADEQUADA** tendo em consideração o que acontece **ACTUALMENTE** na sua equipa. O número 1 significa **NÃO SE APLICA** e o 7 **APLICA-SE TOTALMENTE**.

Por favor não deixe nenhuma situação descrita sem qualquer opção assinalada na escala utilizada.

ACTUALMENTE, NA MINHA EQUIPA:

	NÃO se aplica							Aplica-se Totalmente
	1	2	3	4	5	6	7	
1. Os jogadores esperam que as decisões na equipa sejam tomadas pelo treinador.	1	2	3	4	5	6	7	
2. O facto de existirem diferentes formas de pensar e de agir na equipa é visto como uma mais-valia pelos jogadores. A equipa encoraja e procura integrar construtivamente essas diferenças.	1	2	3	4	5	6	7	
3. O papel que cada jogador desempenha na equipa é claro e aceite por todos. Os jogadores conversam regularmente sobre o papel de cada um e são capazes de efectuar reajustamentos de forma autónoma, se tal lhes for permitido.	1	2	3	4	5	6	7	
4. Só alguns jogadores participam nas conversas. A maior parte não expressa as suas opiniões, optando por "jogar à defesa".	1	2	3	4	5	6	7	
5. Parece que os jogadores são muito parecidos quanto à forma de pensar e de agir.	1	2	3	4	5	6	7	
6. Existe um clima tenso e conflituoso em que os jogadores procuram utilizar a sua influência pessoal e o seu estatuto para obter resultados que lhes sejam pessoalmente favoráveis.	1	2	3	4	5	6	7	
7. Existe elevada coesão, estando a equipa muito unida em torno das posições do treinador.	1	2	3	4	5	6	7	
8. Existem pouquíssimos conflitos. Os jogadores procuram evitar a todo o custo interacções desagradáveis com os colegas e com o treinador.	1	2	3	4	5	6	7	
9. Os jogadores têm formas de pensar e de agir muito diferentes, o que gera mal entendidos e tensões.	1	2	3	4	5	6	7	
10. As normas que regulam a equipa são frequentemente questionadas pelos jogadores (ora por uns, ora por outros), que procuram, a todo o custo, modificá-las.	1	2	3	4	5	6	7	
11. Alguns jogadores questionam o papel que lhes foi atribuído na equipa, expressando o seu desacordo e descontentamento, originando momentos de tensão e conflito.	1	2	3	4	5	6	7	

ACTUALMENTE, NA MINHA EQUIPA:

	Não se aplica		Aplica-se Totalmente				
	1	2	3	4	5	6	7
12. Os jogadores procuram, a todo o custo, participar nas decisões da equipa e fazer valer as suas ideias.	1	2	3	4	5	6	7
13. Existe forte coesão, confiança, proximidade e cooperação entre todos os jogadores, que embora possam ser diferentes entre si, sentem que dependem uns dos outros.	1	2	3	4	5	6	7
14. Os jogadores concordam, no essencial, com o papel que foi atribuído a cada um na equipa. Quando sentem necessidade de o alterar, fazem propostas nesse sentido, num clima positivo.	1	2	3	4	5	6	7
15. Os jogadores conversam com alguma frequência sobre as normas que regulam a equipa e, no geral, aceitam-nas e seguem-nas. Os desvios às normas são aceites se forem vistos como benéficos para todos.	1	2	3	4	5	6	7
16. A coesão é muito fraca, existindo muita tensão, oposição e rivalidades entre os jogadores.	1	2	3	4	5	6	7
17. Existem conflitos, no entanto, os jogadores abordam-nos de forma construtiva, procurando que todos "saíam a ganhar".	1	2	3	4	5	6	7
18. Os jogadores procuram participar nas decisões da equipa, sempre que lhes é permitido, tentando que o resultado das mesmas seja o melhor para a equipa.	1	2	3	4	5	6	7
19. Os jogadores procuram participar nas conversas e expor os seus diferentes pontos de vista, esforçando-se por escutar os dos outros.	1	2	3	4	5	6	7
20. Existem subgrupos que competem entre si e procuram alcançar maior poder dentro da equipa.	1	2	3	4	5	6	7
21. A maioria dos jogadores que participa nas conversas preocupa-se mais em impor os seus pontos de vista do que em conhecer e escutar os dos colegas.	1	2	3	4	5	6	7
22. Existem subgrupos que se relacionam de forma positiva e que são muito importantes para que a equipa funcione bem.	1	2	3	4	5	6	7
23. Os jogadores seguem as normas que regulam a equipa sem as questionar. Este assunto não é, sequer, abordado.	1	2	3	4	5	6	7
24. Os objectivos da equipa são claros são aceites por todos e são conversados de forma aberta.	1	2	3	4	5	6	7
25. Quando se estabelecem os objectivos a alcançar existem desentendimentos entre alguns jogadores.	1	2	3	4	5	6	7
26. Os jogadores debatem aberta e frequentemente as normas que regulam o grupo. Sempre que julgam vantajoso para a equipa, procuram modificá-las. A inovação e a criatividade são encorajadas.	1	2	3	4	5	6	7
27. O papel que é esperado de cada jogador não é discutido. Os jogadores esperam que o treinador lhes diga o que devem fazer e como fazê-lo.	1	2	3	4	5	6	7
28. Os jogadores estão preparados para, quando necessário, tomarem decisões relativas à equipa, de forma autónoma, requerendo apenas o acompanhamento por parte do treinador.	1	2	3	4	5	6	7
29. O esforço de adaptação mútua e de ultrapassar com êxito as divergências que ocorrem, faz com que exista uma coesão crescente na equipa.	1	2	3	4	5	6	7
30. Não existem subgrupos.	1	2	3	4	5	6	7
31. Os jogadores esperam que seja o treinador a definir os objectivos da equipa, aceitando-os, mesmo que não concordem com eles.	1	2	3	4	5	6	7
32. Os jogadores esforçam-se por respeitar e aceitar, eventuais, diferenças que existam quanto à forma de pensar e de agir dos seus colegas.	1	2	3	4	5	6	7
33. Os jogadores conhecem e concordam, no essencial, com os objectivos da equipa e são capazes de os discutir sem gerar tensões e mal entendidos.	1	2	3	4	5	6	7
34. Existe um clima de total abertura, onde a participação é encorajada, todos se escutam e partilham as diferentes opiniões, procurando integrá-las.	1	2	3	4	5	6	7

Anexo B – Portuguese Job Related Affective Well-Being Scale

Código M:

Código E:

Portuguese Job Related Affective Well - Being Scale (PJAWSN)
(Ramalho, Monteiro, Lourenço & Figueiredo, 2008)

As questões que se seguem dizem respeito a algumas emoções que ocorrem entre os membros da sua equipa. Indique com que frequência surge, actualmente, cada uma das seguintes emoções de acordo com a seguinte escala:

	1. Nunca	2. Raramente	3. Algumas vezes	4. Quase sempre	5. Sempre
Actualmente, os membros da minha equipa mostram-se:					
A vontade	1	2	3	4	5
Aborrecidos	1	2	3	4	5
Desinteressados	1	2	3	4	5
Contentes	1	2	3	4	5
Desgostosos	1	2	3	4	5
Empolgados	1	2	3	4	5
Animados	1	2	3	4	5
Frustrados	1	2	3	4	5
Tristonhos	1	2	3	4	5
Felizes	1	2	3	4	5
Inspirados	1	2	3	4	5
Satisfeitos	1	2	3	4	5
Realizados	1	2	3	4	5
Zangados	1	2	3	4	5
Ansiosos	1	2	3	4	5
Divertidos	1	2	3	4	5
Confusos	1	2	3	4	5
Deprimidos	1	2	3	4	5
Desencorajados	1	2	3	4	5

Actualmente, os membros da minha equipa mostram-se:

Enérgicos	1	2	3	4	5
Radantes	1	2	3	4	5
Receosos	1	2	3	4	5
Furtivos	1	2	3	4	5
Cansados	1	2	3	4	5
Intimidados	1	2	3	4	5
Infelizes	1	2	3	4	5
Orgulhosos	1	2	3	4	5
Descontralidos	1	2	3	4	5

Anexo C – Carta de apresentação às equipas

**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade de Coimbra**

Coimbra, 19 de Novembro 2013

Exmo./a. Senhor(a),

Dirigimo-nos a V. Exa. na qualidade de investigadores da Universidade de Coimbra, onde nos encontramos a realizar estudos de mestrado.

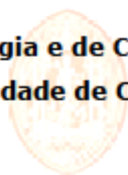
No âmbito dos mestrados que estamos a realizar na área de Psicologia das Organizações e do Trabalho, sob a orientação dos Doutores Paulo Renato Lourenço e Isabel Dórdio Dimas, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, propomo-nos estudar as equipas desportivas, nomeadamente no que diz respeito a algumas variáveis que surgem associadas quer aos processos quer aos resultados do trabalho em equipa. Neste âmbito, as principais temáticas que pretendemos investigar serão o conflito grupal, as emoções e o desenvolvimento das equipas desportivas.

Para levar a cabo esta investigação, pretendemos aplicar um pequeno conjunto de questionários, a um mínimo de 25 equipas desportivas de diferentes modalidades.

Às equipas participantes nesta investigação fica garantido o **direito ao anonimato e à confidencialidade dos dados**, bem como a entrega, após conclusão dos mestrados, de um relatório sobre os resultados dos estudos. Caso manifestem o desejo de obter informação sobre os resultados referentes à vossa equipa em particular, disponibilizamo-nos, igualmente, para facultar esse *feedback*. Pensamos, neste sentido, que o benefício será mútuo, na medida em que, por um lado, a equipa de V. Exa. promove a investigação de excelência em Portugal e, por outro, beneficia de informação em retorno, assente em tratamento e análises de dados realizados com rigor metodológico e cientificamente fundamentados.

Seria para nós muito importante poder contar com a vossa colaboração. Neste sentido, e para uma melhor apreciação da investigação e da colaboração solicitadas, teremos todo o gosto em explicar este projecto, de forma mais detalhada (poderemos fazê-lo pessoalmente ou através de um meio de comunicação que considerem adequado). Podemos adiantar, desde já, que se trata do preenchimento, pelos jogadores das equipas participantes no estudo, de três questionários (tempo estimado para preenchimento: 15 a 20 minutos) a realizar entre Novembro e Dezembro de 2013.

**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade de Coimbra**



Desde já gratos pela atenção dispensada, ficamos a aguardar o vosso contacto para definir a forma de apresentação do estudo e restantes detalhes.

Com os nossos melhores cumprimentos,

Pela Equipa de investigação

CONTACTOS

Laura Matos Marques – lauraa_marques@sapo.pt; 963251261
Miguel Gonçalves – miguel.gonsalves.aiesec@gmail.com; 913738284

Anexo D – Projecto de investigação destinado às equipas

**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade de Coimbra**

Mestrado Integrado em Psicologia

Área de especialização em Psicologia das Organizações e do Trabalho

Projecto de investigação

Psicologia dos Grupos e das Equipas de Trabalho.

1) Equipa do projecto (coordenadores e investigadores)

Coordenadores: Prof. Doutor Paulo Renato Lourenço, Prof^a Isabel Dórdio Dimas.

Investigadores: Laura Matos Marques e Miguel Gonçalves.

2) Introdução e objectivos

Apesar de a investigação sobre os grupos/equipas de trabalho ser bastante extensa, os estudos sobre o funcionamento das equipas desportivas em particular são ainda muito escassos.

Neste sentido, a presente linha de investigação visa contribuir para uma maior compreensibilidade do funcionamento das equipas desportivas, procurando, investigar:

- a relação entre a frequência de conflitos grupais, as emoções vivenciadas pelo(a)s jogadore(a)s e as fases de desenvolvimento da equipa.

Visamos, com este projecto, contribuir para um melhor conhecimento científico destas temáticas, bem como fornecer indicadores e elementos que poderão ser utilizados na e pelas equipas.

3) Amostra e participação das equipas

Este estudo irá ser realizado com uma amostra que contará com um mínimo de 25 equipas desportivas de diferentes modalidades. Para que seja considerada uma equipa é necessário que (1) os(as) jogadore(a)s sejam reconhecido(a)s e se reconheçam

como equipa, (2) possuam relações de interdependência e (3) interajam regularmente tendo em vista o alcance de um alvo/objectivo comum.

A participação das equipas envolvidas no estudo consiste em possibilitar a recolha dos dados, isto é, a informação necessária à realização do estudo.

O período de recolha de dados decorrerá entre Novembro de 2013 e Dezembro de 2013. Será combinada com cada equipa a melhor altura para efectuar a recolha de informação.

4) Formas de recolha da informação e tempo previsto

Será necessário efectuar o preenchimento de três questionários pelo(a)s jogador(e)s das equipas participantes no estudo (no total, 15-20 minutos aproximadamente).

Para evitar eventuais transtornos à equipa, a aplicação dos questionários poderá ser feita de forma colectiva, antes ou depois dos treinos (situação preferencial), ou os(as) jogador(e)s poderão preenchê-los fora do horário dos treinos.

5) Direitos e obrigações da equipa de investigação

A equipa de investigação terá o direito de:

- Não fornecer quaisquer resultados do estudo caso haja interrupção da participação ou recolha incompleta de informação;
- Fornecer os resultados do estudo só após a conclusão do mestrado.

A equipa de investigação obriga-se a:

- Garantir a confidencialidade e o anonimato de todos os dados recolhidos e cumprir as demais normas éticas que regulamentam a investigação na área da psicologia;
- Recusar a entrega de dados e resultados *individuais*, quer referentes a jogador(e)s da equipa participante, quer referentes a outras equipas da amostra;
- Efectuar a recolha de dados de forma a causar o mínimo transtorno possível à equipa e aos (às) seus(suas) jogador(e)s.

CONTACTOS DA EQUIPA DE INVESTIGAÇÃO

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra
Rua do Colégio Novo
3000-115 COIMBRA

Telefone – 239 851 450 (geral);

Fax – 239 851 454;

E-mail:

Laura Matos Marques – lauraa_marques@sapo.pt; 963251261

Miguel Gonçalves - miguel.gonsalves.aiesec@gmail.com; 913738284